



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Letras

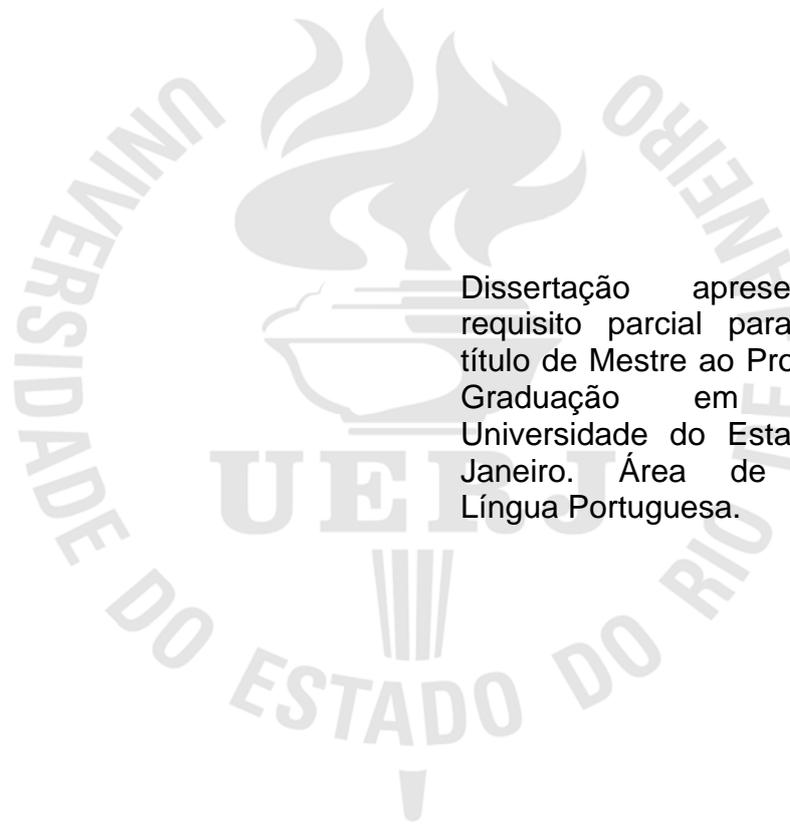
Roberta de Souza Borges

O predicativo e seu papel modalizador

Rio de Janeiro
2012

Roberta de Souza Borges

O predicativo e seu papel modalizador



Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua Portuguesa.

Orientador : Prof. Dr. Claudio Cezar Henriques

Rio de Janeiro

2012

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEHB

B732 Borges, Roberta de Souza.
 O predicativo e seu papel modalizador / Roberta de Souza
Borges. – 2012.
 79f.

 Orientador: Cláudio Cezar Henriques.
 Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de
Janeiro, Instituto de Letras.

 1. Língua portuguesa – Predicativos - Teses. 2. Língua portuguesa
– Modalidade - Teses. 3. Língua portuguesa - Semântica - Teses. 4.
Língua portuguesa - Síntaxe - Teses. 5. Expressão – Teses. I.
Henriques, Cláudio Cezar. II. Universidade do Estado do Rio de
Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 801.561.4

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
dissertação, desde que citada a fonte

Assinatura

Data

Roberta de Souza Borges

O predicativo e seu papel modalizador

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua Portuguesa.

Aprovada em 09 de abril de 2012.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Claudio Cezar Henriques (Orientador)
Instituto de Letras - UERJ

Prof^a. Dra. Luci Mary Melo Leon
Instituto de Letras - UERJ

Prof^a. Dra. Simone Nejaim Ribeiro d Bulhões
Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC)

Rio de Janeiro

2012

DEDICATÓRIA

Dedico todo o meu trabalho de dois longos anos a Deus, que me concedeu o dom da vida, e aos meus pais, Celina Maria e José Farias, que tanto me incentivaram em minha caminhada na vida acadêmica. Tenho certeza de que não chegaria aqui sem a proteção desse tripé.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, o Todo-Poderoso. Sem ele nada seríamos.

Agradeço ao meu Orientador Prof. Doutor Claudio Cezar Henriques, pela paciência e dedicação na arte de ensinar. Nunca me esqueceria, neste momento, da minha família: meus pais – Celina Maria e José Farias – também educadores.

Aprendi os primeiros passos do magistério na sala de aula de minha mãe, quando ela me levava ainda pequena.

Agradeço ao meu irmão Flávio, à minha sobrinha Maria Vitória e à minha prima Lilianete Borges pelas palavras de incentivo. Não posso deixar de me lembrar das minhas amigas que são, na verdade, irmãs que escolhi: Márcia Rocha, Luciana Ferreira, Fernanda de Freitas, Maraísa Rocha, Alessandra Martins, Carla Medeiros, Thais Lima e Keyla Felipe.

Agradeço ao meu primo querido Paulo Roberto de Sousa Peixoto (*in memoriam*) por sempre ter acreditado em mim.

Dedico a vocês um “muito obrigada” do tamanho do mundo.

RESUMO

BORGES, Roberta de Souza. *O predicativo e seu papel modalizador*. 2012. 79 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

O presente trabalho objetiva discorrer acerca do potencial semântico-expressivo do predicativo, bem como de seu perfil modalizador. Enxergamos essa função sintática como um elemento modalizante “em essência”, já que, em muitos casos, o falante consegue demonstrar sua opinião por meio de seu uso, agregado a escolhas lexicais convenientes. Em muitas partes da dissertação, a semântica e a estilística conseguem explicar melhor o fenômeno modal do predicativo. A sintaxe não dá conta disso sozinha. Falamos ainda da topicalização do predicativo como um recurso modalizador, bem como da noção de “balizamento”. Usamos também como exemplos um *corpus* exemplificativo heterogêneo para mostrar que o predicativo, topicalizado ou não, funciona como recurso modalizador, semântico e expressivo.

Palavras-chave: Predicativo. Modalização. Expressividade. Semântica

ABSTRACT

This paper aims to discuss about the expressive semantic-predicative potential, and his modalizator profile. We see this syntactic function as a modalizing element "in essence", because, in many cases, the speaker can show his/her opinion using it, connected with lexical convenient choices.

In many parts of the dissertation, semantics and stylistics can better explain the phenomenon of predicative modal form. Syntax does not make it herself. We still talk about predicative topicalization as a modalizator resource and also talk about the concept of "marking". We also use heterogeneous corpus examples to show that predicative, topicalized or not, works as a modalizator, semantic and expressive resource.

Keywords: Predicative. Modality. Expressive. Semantic

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	8
1	UM OLHAR CONTEMPORÂNEO PARA AS DEFINIÇÕES DE MODALIZAÇÃO	12
1.1	MODALIZAÇÃO E MODALIDADE : EXISTE DIFERENÇA?.....	13
1.2	A MODALIDADE COMO CATEGORIA GRAMATICAL, SEMÂNTICA E PRAGMÁTICA	14
1.3	PREDICATIVO E SEU VALOR MODALIZADOR	16
1.4	VALORES SEMÂNTICOS DO PREDICATIVO : POSIÇÃO LINGUÍSTICA OU PRAGMÁTICA?	18
2	TOPICALIZAÇÃO.....	21
2.1	Topicalização no discurso	22
2.2	Topicalização, hierarquia e balizamento	24
2.3	Topicalização como um fenômeno modalizador	27
3	O PREDICATIVO: UM MODALIZADOR EM ESSÊNCIA.....	30
3.1	A interferência semântica na função do predicativo.....	32
3.2	Minissentenças, elipses e hipérbatos : recursos semânticos na ordem do predicativo	35
3.3	Escolha lexical: aprovação e desaprovação	37
4	A CONTRIBUIÇÃO DA ESTILÍSTICA PARA O EVENTO DA MODALIZAÇÃO	39
5	O PREDICATIVO E A ESTILÍSTICA FÔNICA EM TEXTOS EXPRESSIVOS	50
6	GRAU DE GENERALIZAÇÃO OU DE ABSTRAÇÃO DO PREDICATIVO	60
7	O VALOR MODALIZADOR DAS SENTENÇAS EQUATIVAS E ATRIBUTIVAS	67
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
	REFERÊNCIAS.....	77

INTRODUÇÃO

São diversas as orientações teóricas que englobam o estudo sobre modalidade. Na verdade, desde o princípio do ato enunciativo, já há preocupação em modalizar. O falante, de fato, se preocupa em saber qual o grau de modalidade que deseja inserir na sua fala, seja pela escolha lexical, seja pela “simples” mudança de posição de um determinado sintagma.

Partimos da hipótese de que o enunciador utiliza a modalidade para marcar sua intervenção avaliativa em relação ao conteúdo da mensagem.

Para Koch (2002), “são modalizadores todos os elementos linguísticos que estão ligados ao evento de produção do enunciado e que funcionam como ‘indicadores de intenções, sentimentos e atitudes do locutor com relação ao seu discurso’”. Tais elementos

(...) caracterizam os tipos de atos de fala que deseja desempenhar, revelam o maior ou menor grau de engajamento do falante com relação ao conteúdo proposicional veiculado, apontam as conclusões para as quais os diversos enunciados podem servir de argumento, selecionam os encadeamentos capazes de continuá-los, dão vida, enfim, aos diversos personagens cujas vozes se fazem ouvir no interior de cada discurso (KOCH, 2002, p. 136).

A partir dos estudos de Parret (1988), Koch (2002) enxerga a modalidade sob o ponto de vista da pragmática linguística, descrevendo-a como parte da atividade ilocucionária, já que revela a atitude do falante perante o enunciado que produz.

Neves (1996) explicita o fenômeno da modalidade por meio de diferentes meios linguísticos:

a) por um verbo

A1) (auxiliar) modal:

- Esse casarão deve ser ideal para o reumatismo de minha tia Margherita.(ACM)
- O presidente da república **pode** e **deve** ser denunciado como co-autor do homicídio do major Vaz. (AGO)

A2) verbo de significação plena, indicador de opinião, crença ou saber:

- **Acho** que por humilhação maior jamais passaram.(A)

b) por um advérbio, a que ainda pode associar-se um verbo modal:

-Carlos e Pedro Moreno cochichavam, discutindo **provavelmente** detalhes da agonia. Dona Leonor. (A)

- Esse exame propicia a visualização de vários dados, que **devem** ser **obrigatoriamente** pesquisados. (CLC)

A modalização por meio de advérbios pode incidir num constituinte, e não na proposição:

- Ela deu uma olhada nele e achou uma anotação meio estranha, **talvez um escólio**. (ACM)

- O ateniense, quando desconfia que alguém quer tornar os outros tão hábeis quanto ele próprio, zanga-se, **talvez por inveja**. (TEG)

c) por um adjetivo em posição predicativa:

- Quem sabe se nada disso vai ser **necessário**? (FIG)

- É **impossível** que o Brasil tome conhecimento de outra aberração. (RR)

- É **preciso** que você fique perto de mim, sempre. (AQ)

d) por um substantivo:

- O homem não deve pensar muito, esta é a minha **opinião**. (OMT)

- Tenho a impressão que um dos grandes erros da política brasileira nestes últimos vinte anos tem sido a matematização da vida econômica. (POL-O)

A ocorrência de nome modalizador é bastante comum na posição de objeto de verbo-suporte, em que o verbo e o sintagma nominal objeto (em princípio, não referencial) formam, conjuntamente, o predicado.

- Cada folha sulfite dobrada em quatro dá **possibilidade** para oito páginas impressas. (LOP)

e) Pelas próprias categorias gramaticais (tempo/aspecto/modo) do verbo da predicação:

- E a discussão ficaria nisso. (A)

Essas categorias aparecem normalmente associadas a advérbios modalizadores:

- Esta obra **talvez tenha sido** um dos livros didáticos mais importantes da época. (ATN)”

Mesmo diante de tantas maneiras de utilizar o fenômeno da modalização, ressaltamos aqui a topicalização como um subtipo de critério modalizador. Isso se faz a partir de uma “mistura” de olhares (linguístico, pragmático, semântico e estilístico), já que tudo depende da intenção do enunciador em construir determinado juízo de valor.

Segundo Azeredo (2008, p.91),“a modalização diz respeito à expressão das intenções e pontos de vista do enunciador. É por intermédio da modalização que o enunciador inscreve no enunciado seus julgamentos e opiniões sobre o conteúdo do que diz/escreve, fornecendo ao interlocutor ‘pistas’ ou instruções de reconhecimento do efeito de sentido que pretende produzir.”

É interessante, neste momento, recordar a ideia de **foco e tópico** que muito contribuem para a progressão temática do texto. O primeiro é uma informação nova, e o segundo, uma informação dada. Azeredo (2008) diz que “o tópico (...) é a unidade de informação sobre a qual se faz a declaração; o foco é a informação acrescentada, a novidade do enunciado.”

Ainda no que tange ao valor semântico e estilístico da “arrumação” da frase para efeitos expressivos, Henriques (2011) nos mostra que o deslocamento de um sintagma em uma determinada frase é justificável de acordo com a expressividade pretendida pelo autor-enunciador. Segundo ele, esta é uma questão de “estilística sintática” que gera bastante discussão, já que a partir de mudanças de posições consideradas “padrões”, o emissor pode conseguir, de maneira elegante, demonstrar seu juízo de valor, ou, em ocasiões mais literárias, causar mais ou menos expressividade. Quando, por exemplo, um poeta ou compositor opta por começar uma música por um predicativo ou por um adjunto adverbial, quebrando a expectativa da ordem direta da oração, muitas vezes ele consegue realçar sua intenção e, ao mesmo tempo, sua emoção, através de um “simples” hipérbato (que na verdade não tem nada de simples).

O fenômeno da modalidade está cada vez mais presente em nossa linguagem diária, e pode ser apreciado nas peças publicitárias, nas composições musicais, em poemas conhecidos e em outros gêneros bastante recorrentes no cotidiano de qualquer falante. O presente estudo tem como um dos principais objetivos encontrar o papel modalizador da topicalização, principalmente do

predicativo, termo que oferece um grande valor expressivo, principalmente quando deslocado.

Por isso, julgamos interessante expor, no presente trabalho, o valor modal da “topicalização”, já que esse recurso consegue, em muitos casos, colaborar na concatenação de palavras e ideias, contribuindo assim para o cruzamento entre o valor sintático e semântico que tanto colaboram na interpretação, produção e “calibragem” do texto.

Esses são os objetivos que pretendemos alcançar aqui, os quais se constroem a partir de discussões teóricas e de exemplos retirados de situações variadas. Em virtude disso, em alguns momentos do trabalho, ilustramos as explicações com alguns “depoimentos pessoais” e, por isso, lançamos mão da primeira pessoa do singular, tentando encaixar recortes pessoais nas teorias citadas, que exemplificam e sustentam o ponto de vista de uma maneira mais próxima da realidade. Coloco-me não somente como professora de língua portuguesa, mas também como usuária da língua e como fã de letras da MPB que comprovam certas preferências em relação à topicalização do predicativo com um olhar modalizador. Relato trechos de momentos interessantes de composição de meu tio, Isaías Souza, que durante alguns anos na década de 60 compunha as letras do cantor Evaldo Braga. Creio que esses comentários servirão para enriquecer o fato de que a modalidade de uma função específica acontece, em alguns casos, em atos de fala de pessoas pouco instruídas, e também na comunicação de intelectuais. A modalidade é um evento interessante, pois consegue diminuir o hiato existente entre classes sociais, e enxerga todos como usuários da língua, capazes de modalizar.

1 UM OLHAR CONTEMPORÂNEO PARA AS DEFINIÇÕES DE MODALIZAÇÃO

A modalização é vista, hoje, como uma categoria linguística que envolve diferentes recursos na área da linguagem: prosódia, semântica, pragmática, estilística, morfologia, sintaxe, dentre outros.

O presente trabalho considera o fenômeno da modalidade diretamente vinculado às relações discursivas ou pragmáticas, “pois, aquelas de caráter eminentemente subjetivo, já que dependem das intenções do falante, dos efeitos a que este visa ao produzir o seu discurso.” (Koch, 2007, p 31).

Sabemos, através da estilística sintática, que a inversão de uma estrutura frasal pode provocar uma alteração semântica e/ou um efeito estilístico. Façamos agora uma exemplificação:

Imaginemos que uma jovem paulistana more no Rio de Janeiro já há um tempo, e todo final de ano recebe a visita dos pais. Ela tem um irmão que nunca a visita. Em conversas esporádicas pelo telefone, a jovem, aos pais, pergunta assim:

“**Vocês** vêm quando?”

Mas, ao se tratar do irmão que nunca arranja tempo para visitá-la, a mesma jovem pergunta:

“**Quando** você vem?”

Essa (re)construção dos enunciados não se dá por mero acaso. O deslocamento dos sintagmas, nesse caso, ocorreu por razões estilístico-textuais. No momento em que ela quis se referir aos pais, que sempre se esforçam para vê-la, ela iniciou a pergunta pelo sujeito (vocês). Mas, para se referir ao irmão que nunca encontra tempo de viajar até o Rio, a enunciativa topicaliza o “Quando” de maneira a expressar uma circunstância de tempo que, na ocasião, refere-se a “zero”, isto é, o irmão nunca aparece em sua casa.

Os exemplos acima ilustram que a todo momento estamos realizando escolhas linguísticas e que são elas que dão suporte ao fenômeno modalizador. Assim que a jovem topicalizou o “quando”, automaticamente o olhar do interlocutor se voltou para esse vocábulo, chamando a atenção para a ausência do irmão. Comparando os dois exemplos acima, percebemos que, no segundo, o caráter modalizador provocado pela topicalização de um elemento deu conta de demonstrar a opinião da irmã sobre a insatisfação perante o possível desinteresse do rapaz em vir ao Rio.

Segundo Azeredo (2008, p.91), “a modalização diz respeito à expressão das intenções e pontos de vista do enunciador. É por intermédio da modalização que o enunciador inscreve no enunciado seus julgamentos e opiniões sobre o conteúdo do que diz/escreve, fornecendo ao interlocutor ‘pistas’ ou instruções de reconhecimento do efeito de sentido que pretende produzir.”

Percebemos que, no momento em que o “quando” se movimenta para o início da sentença, a jovem consegue lançar uma ‘pista’, como diz Azeredo, acerca de sua opinião, do seu juízo de valor, e, dessa forma, modaliza todo o restante da enunciação.

“(…) uma frase tem uma estrutura sintática adequada e pretende atingir um efeito expressivo na comunicação. Para chegar lá, essa frase precisa passar por ajustes morfológicos e decisões semânticas. Uma frase só está adequada quando seus verbos estão conjugados de forma correta, quando seus substantivos e adjetivos estão flexionados de modo correto, quando seus pronomes estão empregados corretamente, etc. Além disso, uma frase só está adequada quando faz sentido para o interlocutor. Ou seja, as palavras escolhidas precisam significar exatamente o que seu autor quis dizer (desde que ele tenha tido a intenção de ser compreendido, é claro). Por isso, a receita para se saborear a estilística sintática tem três ingredientes: a morfologia, a sintaxe e a semântica.” (Henriques, 2011, p.105)

O trecho acima, retirado da obra *Estilística e Discurso*, de Claudio Cezar Henriques, nos mostra como efetivamente os recursos dos estudos da linguagem, juntos, nos dão suporte para a produção de um texto expressivo, que possa demonstrar a opinião de quem o produz, a partir do papel assumido por ele no evento da fala.

1.1 Modalização X Modalidade: Existe Diferença?

Sabemos que a importância do *modo* na estruturação do enunciado está presente em diversas reflexões do interesse dos estudos da linguagem.

Desde os primeiros estudos acerca desse tema, ainda não podemos afirmar que existe uma diferença entre *modalidade* e *modalização*. Para a gramática tradicional, há dois componentes na sentença que acabam tentando justificar essa possível diferença: a informação proposicional contida no enunciado e colocada ao dispor do interlocutor (sujeito e predicado = *dictum*), e o *modus*, que diz respeito ao ponto de vista do enunciador em relação ao objeto da comunicação. Esse julgamento pode acontecer de duas maneiras: quando o interlocutor expressa o conteúdo proposicional numa forma assertiva, interrogativa e jussiva ou quando ele expressa, de alguma forma, seu envolvimento com o conteúdo proposicional, demonstrando seu juízo de valor no momento do evento enunciativo.

Dentre as duas formas de expressar esse julgamento expostas acima, a primeira normalmente é designada como modalidade. A segunda, como modalização. Porém, se fizermos uma análise minuciosa, veremos que a segunda maneira pela qual o julgamento se apresenta parece mais completa e mais recheada de características semânticas, estilísticas e pragmáticas. Para Castilho e Castilho:

[...] esta distinção é um pouco especiosa, pois de qualquer forma há sempre uma avaliação prévia do falante sobre o conteúdo da proposição que ele vai veicular, decorrendo daqui suas decisões sobre afirmar, negar, interrogar, ordenar, permitir, expressar a certeza ou a dúvida sobre esse conteúdo etc. Por isso, resolvemos não distinguir modalidade de modalização (...) (CASTILHO; CASTILHO, 1992, p. 201).

A partir da ideia de Castilho e Castilho, resolvemos utilizar esses dois verbetes como sinônimos, atribuindo mais importância ao uso da palavra “modalização”.

1.2 A Modalidade como Categoria Gramatical, Semântica e Pragmática

A obra *Gramática da Língua Portuguesa*, de Mário Vilela (2001), diferencia “modo” e “modalidade”. “O ‘modo’, como categoria gramatical própria do verbo, é um dos instrumentos privilegiados para exprimir a “modalidade” (p.137). Modalidade, para o autor, é “como a gramaticalização das atitudes subjectivas do falante e a sua transposição para o conteúdo do enunciado”.(p.138)

É através do modo de dizer que qualquer voz pode expressar pontos de vista, sentimentos diante da sentença enunciada. Pode mostrar fatos como hipóteses, desejos, insinuações, ou realizar qualquer efeito de sentido que queira causar no leitor. Qualquer voz pode usar a linguagem de modo a argumentar, orientar comportamentos, a fim de produzir conclusões.

Esse fenômeno causado pela modalização é alcançado graças a um movimento gramatical, semântico e pragmático. Gramatical, porque o enunciador, ao produzir sua sentença, procura escolher de maneira adequada os vocábulos e adequá-los à concordância e regência que não prejudique o entendimento da frase. Semântico, porque, dependendo do real objetivo do falante, ele pode realizar escolhas de palavras cheias de múltiplos significados, que acabam envolvendo as relações discursivas e pragmáticas no ato da fala.

Vejamos o exemplo:

Aos 18 anos, Flávio cursa Direito numa universidade pública do estado do Rio de Janeiro.

Imaginemos que a mãe de Flávio tenha pronunciado essa sentença com o objetivo de realçar a inteligência do filho, bem como sua precocidade nos estudos. Para isso, ela iniciou a fala com a idade do jovem. Esse fator é interessante, pois faz com que tentemos identificar o objetivo da mãe em vangloriar o filho. Ela escolheu topicalizar a idade do estudante, mostrando sua importância e destacando o fato de ser atípico um rapaz de 18 anos já cursar Direito.

Para que possamos entender a finalidade da mãe, é necessário juntar essa seleção lexical com recursos gramaticais, semânticos e pragmáticos. A própria escolha do vocábulo “pública” veio a endossar a possível “genialidade” do “menino” de apenas 18 anos. Notamos que, a fim de interpretar de maneira mais acertada o enunciado produzido pela mãe orgulhosa, necessitamos raciocinar acerca das relações semânticas que os sintagmas apresentam entre si.

Portanto, para que a sentença exemplificada acima seja entendida como pensou de início a enunciadora, é importante considerar uma visão contextual, onde semântica e pragmática entrarão em cena quase que no mesmo momento. De acordo com Koch (2011, p.31), “ as relações discursivas ou pragmáticas são, pois, aquelas de caráter eminentemente subjetivo, já que dependem das intenções do falante, dos efeitos a que este visa ao produzir o seu discurso.”

A partir da ideia da autora, percebemos que a enunciação é um processo plural, já que abarca o uso de vários fatores dos estudos linguísticos. O exemplo aqui ilustrado enfatiza o fenômeno da modalização, subcategorizado pela topicalização de um sintagma (a idade do rapaz), simultaneamente à escolha de palavras que, possivelmente, tudo têm a ver com o momento e o papel desempenhado pela mãe do estudante.

A linguista australiana Ana Wierzbicka, que se dedica ao estudo da “semântica na gramática”, nos diz:

(...) A gramática não é semanticamente arbitrária. As distinções gramaticais são motivadas sincronicamente por distinções semânticas; cada construção gramatical veicula certa estrutura semântica: é esta sua razão d’être e o critério determinante da abrangência de seus usos (...).(Wierzbicka,1988,p.3)

Certamente a ideia de modalidade está diretamente associada ao que Wierzbicka aborda sobre a relação entre gramática e semântica. Elas não andam separadas e, ao mesmo tempo, conseguem, juntas, provocar múltiplos significados na construção do ato de fala.

“Na nossa concepção – como também na de Rajagopalan – a noção de ato de fala pertence, sem dúvida alguma, ao campo da Pragmática, visto que se trata sempre de uma atividade intencional do locutor no sentido de levar o destinatário a determinados tipos de comportamento ou a atuar sobre ele de determinado modo. Isto não impede, evidentemente, que, no caso de uma asserção, por exemplo, o conteúdo proposicional do ato possa ser avaliado em termos veritativos ou semânticos.(...)”. (Koch, 2011, p.87)

O trecho acima ilustra mais uma vez que, como a linguagem é uma ação tipicamente humana, os componentes sintático, semântico e pragmático se encontram indissolúveis, diretamente ligados, já que essas funções se complementam e auxiliam no entendimento do enunciado.

1.3 Predicativo e seu valor modalizador

O estudo do papel do predicativo é ainda pouco desenvolvido em nossos manuais. Infelizmente ele não recebe a atenção que deveria. Não só aqueles formados por adjetivos, mas por substantivos, pronomes, numerais, todos eles podem ser elementos modalizadores, principalmente quando topicalizados.

Na produção de um enunciado, o falante se utiliza de certas marcas que vão servir de balizamento para a compreensão. Azeredo (2008, p.209) exemplifica assim:

Vocês *podem* sair agora. (permissão)

Vocês *precisam* sair agora. (obrigatoriedade)

Estas duas frases se distinguem quanto à modalidade. A análise clássica da modalidade distingue quatro pares de conteúdos contrastantes: possível/impossível, certo/contestável, obrigatório/ facultativo, permitido/proibido.”

Partindo da relação semântico-pragmática em que o processo de modalização se encontra, comparemos agora os exemplos abaixo:

(a) A noiva entrou *linda*.

(b) A noiva entrou *bonita*.

Sabemos que a simples variação da entonação da frase ou de parte dela acaba alterando o valor semântico ou o grau de modalidade de determinado sintagma. Nos exemplos acima, tanto (a) quanto (b) atribuem qualidades positivas à noiva. Mas, colocarmos as duas sentenças como pares comparativos, percebermos que o predicativo de (b) poderá apresentar quase que um valor semântico pejorativo (ela estava apenas bonita, não estava linda).

Se quiséssemos nos valer do deslocamento do sintagma nominal “linda”, por exemplo, poderíamos perceber uma intensificação no desejo do possível enunciador em demonstrar uma beleza que nem(a) nem em (b) conseguem expressar. Vejamos:

(c) *Linda*, a noiva entrou.

O deslocamento do predicativo consegue mostrar que topicalização serve como um dos recursos modalizadores. Iniciando a oração, há uma extensão da possibilidade de compreensão da sentença por meio de um hipérbato. É como se a beleza da noiva fosse tão estonteante, que acabou sendo a primeira coisa percebível pelo enunciador. Esse exemplo consegue, com mais ênfase, chamar mais atenção acerca da beleza da moça do que (a) e (b). Graças a uma “simples” inversão. A posição sintática, dessa fora, indica um tipo específico de organização semântica.

Em letras de música, a escolha do predicativo também, em muitos casos, é criteriosa. Imaginemos se ao invés de “cachorro”, no refrão da letra do compositor Waldick Soriano “*Eu não sou cachorro, não*”, ele tivesse usado a palavra “cão”:

(d) “Eu não sou cachorro, não!”

(e) “Eu não sou cão, não!”

Há alguns contextos em que não é possível a substituição, numa sentença, de uma expressão por outra, sem alteração do valor de verdade, mesmo que as expressões denotem o mesmo ser. A substituição lexical altera o valor de verdade da sentença.

No refrão que fez o cantor baiano ficar famoso, se ele utilizasse a palavra “cão”, não atingiria o mesmo grau de modalidade do que provavelmente atingiu utilizando “cachorro” que, metaforicamente, representam no contexto em questão, um ser humano tratado de maneira inferior.

Nossa máquina semântica pode nos fornecer mais de uma interpretação. A sentença “Eu não sou cachorro” desenvolve nosso mapa cognitivo para pensar em “cachorro” como metáfora, como um homem maltratado.

É a partir desses mapas mentais, utilizados no momento da construção da sentença que podemos afirmar que o predicativo tem papel importante na hora da demonstração de certos juízos de valor.

1.4 Valores semânticos do predicativo: posição linguística ou pragmática?

Na linguística, o significado, com o viés da pragmática, está sempre em relação com o contexto. Esse significado não é enxergado como arbitrário, mas como dependente do contexto. Para que o ato enunciativo se concretize de maneira eficiente, é preciso levar em conta muito mais do que meras decodificações. É preciso considerar o sistema linguístico em situações de interação.

Notamos, diante disso, que já se fala em uma “pragmática linguística”, em que o uso da língua, bem como suas escolhas lexicais que interferem na interpretação do enunciado estão relacionados ao contexto.

Quando escolhemos determinado predicativo para fornecer um papel, uma atitude, uma qualidade ou atributo a alguém ou a alguma coisa, automaticamente levamos em conta o contexto situacional que normalmente interferirá nas possibilidades interpretativas.

Uma mesma palavra pode estimular diversas associações ou produzir efeito exatamente contrário do que se esperava. Quando dizemos que “um homem é um leão”, podemos estar nos referindo à coragem que se espera do animal, à juba do mesmo e até ao espírito de liderança, já que o bicho é considerado o “rei das selvas”. Essa metáfora só se fará valer a partir do contexto em que essa construção estiver inserida. Precisamos conhecer o objetivo do enunciador ao criar essa sentença, bem como outros entornos que também seriam bastante úteis para a constatação do entendimento da frase.

O predicativo já é, em essência, um predicador-modalizador, pois com ele atribuímos opiniões, que podem ser aumentadas gradativamente com o auxílio de certos recursos sintáticos, pragmáticos, prosódicos e semânticos.

Todos esses comentários nos levam a crer que a expressividade se forma a partir da interligação de todos esses recursos, e isso nos prova que o valor semântico de uma expressão ou palavra também depende dessa simbiose.

Azeredo (2008) nos mostra a diferença de atributos que diversos verbos de ligação podem nos mostrar. Ele chama os verbos de ligação de copulativos ou

predicativos. Mostra-nos a diferença do atributo constante, adquirido, resultativo e persistente. Leia-se:

As águas são turvas. (atributo constante)

As águas estão turvas. (atributo adquirido)

As águas ficam turvas. (atributo resultativo)

As águas continuam turvas. (atributo persistente)

(Gramática Houaiss, pp 213,214)

Nesses exemplos, o papel pragmático é o tocante, já que os predicativos são os “mesmos”, e a troca dos verbos tem um valor em potencial: faz com que o contexto de cada situação também se modifique.

Façamos uma análise da letra “Folha Morta”, de Ary Barroso, na perspectiva do caráter modalizador do verbo de ligação e do predicativo:

Folha Morta

Ary Barroso (1952)

Sei que falam de mim

Sei que zombam de mim

Oh, Deus!

Como eu sou infeliz!

Vivo à margem da vida

Sem amparo ou guarida

Oh, Deus!

Como eu sou infeliz!

Já tive amores

Tive carinhos

Já tive sonhos

Os dissabores levaram minh'alma

Por caminhos tristonhos

Hoje sou folha morta

Que a corrente transporta

Oh, Deus!

Como eu sou infeliz!

Infeliz!

Eu queria um minuto apenas

Pra mostrar minhas penas

Oh, Deus!

Como eu sou infeliz!

Nesse contexto, as qualidades de uma folha “morta” se transferem para o interlocutor. O sintagma nominal “folha morta” já é modalizado, pois atribui um juízo de valor de alguém que está se sentindo extremamente triste, praticamente morto. Esse valor não é adquirido separadamente, mas no contexto, o qual nos mostra,

através das escolhas lexicais (zombam, infeliz, margem, dissabores, penas) que, com a “calibragem” do texto, enxergamos esses vocábulos dentro de um mesmo campo semântico. Essa cadeia que ganha corpo na leitura do texto só vem a contribuir com o processo modalizador do predicativo, bem como do verbo de ligação.

2 TOPICALIZAÇÃO

Azeredo (2008, pp 91 e 92), em seu quarto capítulo intitulado “Linguagem, Discurso e Texto”, mostra que o todo de uma informação nunca é cem por cento novo para seu destinatário. Segundo ele:

“Para conter cem por cento de informação nova, um enunciado precisaria ser totalmente imprevisível no contexto de sua ocorrência, a ponto de se tornar absurdo e, conseqüentemente, incapaz de comunicar qualquer coisa que fizesse sentido. Todos os enunciados a que atribuímos sentido estão de alguma maneira ‘situados’ em um contexto ou em um campo de inteligibilidade do interlocutor, apoiados em algo que este ouvinte ou leitor já conhece ou que ele pode deduzir do contexto.”

Para que ocorra a progressão temática de um texto, é muito importante que haja a combinação de informação dada (tópico) e a informação nova (foco).

O tópico é a informação para onde os olhos se voltam num enunciado.

No ato da enunciação, dispomos de alguns recursos que podem servir para subestimar alguma informação ou para torná-la o centro, o núcleo da sentença.

Comparemos os seguintes exemplos:

- (1) De cabeça, Roberto Dinamite fez o gol da vitória vascaína na década de 70.
- (2) Roberto Dinamite fez o gol da vitória vascaína na década de 70, de cabeça.
- (3) Na década de 70, Roberto Dinamite fez o gol da vitória vascaína de cabeça.
- (4) O gol da vitória vascaína foi feito, na década de 70, por Roberto Dinamite, de cabeça.

Comparando esses quatro exemplos, percebemos que, do ponto de vista do enunciador, cada sentença demonstrou o objetivo de destacar diferentes informações. É a partir do fenômeno da topicalização que o interlocutor consegue viabilizar a informação que ele deseja atribuir mais ou menos destaque.

Em (1), destacou-se a maneira como o gol foi realizado. Naturalmente, os olhos do leitor/receptor se voltam para esse sintagma deslocado pela vírgula.

Em (2), apesar de a última vírgula estabelecer um tom de ênfase, o sujeito está anteposto ao verbo e recebe um patamar de “assunto principal do enunciado”.

Já em (3), o enunciador resolveu dar ênfase ao adjunto adverbial de tempo, para mostrar, talvez, que esse fato já aconteceu há mais de trinta anos, aproximadamente, já que o ex-jogador em questão hoje em dia preside o clube.

Em (4), o fenômeno é bastante curioso, pois o interlocutor, para atribuir destaque ao “gol da vitória vascaína”, emprega a voz passiva, a fim de topicalizar aquilo que, nesse contexto, é o mais importante: o gol que proporcionou ao time cruz-maltino a vitória de um campeonato futebolístico.

Vascaínos ou não, podemos notar que essas sentenças não são sinônimas, ou seja, não podem ser substituídas no mesmo contexto.

Leiamos agora os exemplos de Eunice Pontes (1987, pp34 e 35) bem como seus comentários acerca deles, retirados do livro *“O Tópico do Português do Brasil”*:

“(85) Essa casa bate bastante sol.

(87) A Belina deita o banco, sabe?

Quando consultados a respeito, alguns falantes achavam que essas frases eram como que “corruptelas” de outras, mais aceitas, de ordem direta. Eles dizem “A gente fala assim, mas o certo é ‘Nessa casa bate bastante sol’”. Essa é a explicação por transformação, que já discutimos antes. Minha intuição dizia que quando falei (85), no contexto de minha casa, eu estava prezando a minha casa, louvando uma qualidade dela. O mesmo acontecia no tocante às outras frases. Não me parece que haja equivalência semântica entre as frases e muito menos que elas possam ser substituídas no mesmo contexto, dizendo a mesma coisa. Elas não são sinônimas.”

Acreditamos ser de muita valia a opinião de Pontes acerca de tais construções tópicas, já que, segundo ela, todas essas arrumações de elementos provocam efeitos discursivos, semânticos e estilísticos bastante expressivos.

Partimos aqui do princípio de que o fenômeno da topicalização (que é, para nós, um subtipo de modalidade) é um marcador de progressão textual extremamente útil, principalmente no ensino de redação nas aulas de português. Vejamos o que Pontes (1987, pp 94 e 95) diz sobre isso:

“O principal problema para ensinar redação em português não são os estudantes, mas a tradição gramatical no Brasil, que é demasiado conservadora e prescritiva. Os preconceitos são demasiado fortes e generalizados e não permitem que o falante nativo use sua criatividade e habilidade linguística na língua escrita do mesmo modo que ele o faz na língua oral. Ensina-se aos alunos desde a escola primária que ele não conhece sua língua, que o que ele usa na língua oral está errado, e que ele precisa aprender na escola como substituir as estruturas aceitas na língua escrita, postuladas pelos gramáticos. A tarefa é semelhante a aprender uma outra língua. No fim, ninguém sabe escrever.”

2.1 A Topicalização no Discurso

As necessidades comunicativas fazem o enunciador escolher este ou aquele critério, este ou aquele sintagma, esta ou aquela posição na sentença. A escolha de determinados sintagmas na produção de um enunciado está relacionada a vários processos que dão conta de um texto coeso, que é resultado das intenções de quem o produz.

Quando topicalizamos determinado sintagma, de fato estamos reativando nossas reais intenções discursivas em realizar tal ato. Perceberemos que as marcas de topicalização contribuem para a progressão de um texto, se identificarmos nele suas marcas da coesão e da coerência.

Tomemos uma construção como: “Eu, que era branca e linda, eis-me medonha e escura.” (Manuel Bandeira, apud D. Tufano, Gramática e Literatura Brasileira, 1995: 187).

Reconhecemos aqui uma figura de sintaxe denominada anacoluto, que é a quebra do nexos sintático da oração, isto é, o “Eu” da sentença acima, que inicialmente parece o sujeito, acaba ficando sem função sintática. Essa figura serve, geralmente, para topicalizar, para pôr em relevo a ideia que o enunciador considera mais importante, separando-a do resto.

Vejamos a opinião de Pontes (1987, p. 39) sobre a topicalização por anacoluto:

“(…) A norma gramatical contraria o uso do que os gramáticos chamam de “anacoluto”, e então o escritor que internalizou estas normas “conserta” as frases que teimam em irromper de acordo com a estrutura de tópico. E frequentemente, disfarça-as sob a forma de “Quanto a isso”, “Voltando a tal assunto”, etc. O problema da não aceitação, pela norma gramatical vigente, dos “anacolutos”, evidentemente cria dificuldades para o aluno na redação.”

Ao realizarmos essas construções tópicas, colocamo-nos, segundo Pontes (1987), no nível do discurso. Por isso, de modo forçoso, sente-se a necessidade de ir além dos limites de uma análise meramente sintática. As soluções funcionais, do tipo proposto por Givón (1979) e outros, estão muito mais próximos à realidade da língua que, de acordo com a autora em questão, é, antes de tudo, “comunicação inteligente, econômica e consistente.”

Diante do exposto, podemos perceber que a análise de uma sentença topicalizada sempre vai estar ligada ao viés semântico e pragmático, bem como ao seu contexto.

Mattoso Câmara Jr. (1968), assim descreve o papel do anacoluto: “é pôr em relevo a ideia primordial que temos em mente, destacando-a como uma espécie de título do que vamos dizer” e afirma que era uma construção frequente no grego antigo e na nossa literatura clássica.

Em: ‘*João é difícil de entender*’, *João* é topicalizado e corresponde a ‘*É difícil entender João*’. Como esta sentença é aceita na língua escrita, os professores não dizem que ela “não tem estrutura”.

Segundo a mesma autora, os gramáticos dão a essas estruturas, desde os primeiros séculos, um caráter de figuras de linguagem. Ela não entende por que os gramáticos contemporâneos do português não enxergam essas estruturas topicalizadas longe de preconceitos. Essa visão dos estudiosos, segundo Pontes (1987), acaba conduzindo os professores de português a se distanciarem desse olhar mais democrático da construção de frases, sentenças e textos. Essas estruturas topicalizadas são muito usadas nas propagandas e por muitos escritores respeitados, até mesmo por possuir um caráter modalizador e argumentativo.

“Carlos Drummond, por exemplo, escreveu: ‘A cidade dá pra sentir o riso dos adultos...’ (Estado de Minas, 20/06/81).

Os professores de português, infelizmente, não seguem o uso dos bons escritores, mas as prescrições dos gramáticos. Quando lhes mostramos que mesmo os melhores escritores usam estas estruturas em suas obras, eles respondem que “o escritor sabe como usá-las, para atingir um certo efeito, mas o aluno não”. Esta atitude é baseada no preconceito de que o falante nativo não sabe usar a língua para comunicar as mais sutis “nuances” de significação. Essa crença errada está sendo desconfirmada por todo aquele que estuda a língua oral em situações reais. A competência comunicativa do falante nativo é surpreendente.(...)

Pontes (1987, p 94)

Pontes (1987) compara a S usada por Drummond com a S usada por seu filho de 12 anos em uma situação de língua oral e perceber que, em poder de expressão, elas são diferentes. Para a autora, não há diferença, mas é difícil convencer os gramáticos e professores de português deste fato. Segundo ela, existe um duplo preconceito: a ideia de que os usuários da língua são desconhecedores dela e a de que o bom escritor sabe sempre utilizá-la, conscientemente.

2.2 Topicalização, Hierarquia e Balizamento

Sendo, no contexto deste trabalho, a topicalização um fenômeno linguístico que contribui na progressão textual, julgamos importante analisar as ideias de “hierarquia” e “balizamento” que Azeredo (2008, pp 90 e 91) desenvolve no quarto capítulo de sua gramática, e perceber que todas estão relacionadas à noção de modalização:

“A função do balizamento é explicitar no texto as pistas indicativas do efeito de sentido pretendido pelo enunciador. O balizamento se expressa por duas estratégias principais: a **modalização**, por meio da qual o enunciador expressa

atitudes e opiniões relativamente ao conteúdo proposicional; e a **hierarquização**, responsável pelo *status* ou relevância das parcelas de informação contidas no texto.”

Azeredo coloca a modalização dentro de uma proposta mais democrática e abrangente, reconhecível através de marcas linguísticas no enunciado. Quando o interlocutor vai produzir um texto, ele “baliza” suas escolhas a partir de certos critérios e de juízos de valor que ele quer demonstrar ou não.

“A hierarquização é responsável pela distribuição dos conteúdos no interior dos enunciados segundo a relevância informacional atribuída a cada um. O enunciador pode conferir às entidades referenciadas e às predicções diferentes status, que discriminaremos como informação dada/conhecida, informação nova, informação recuperável, informação inferível, informação implícita, informação pressuposta, tópico e foco.”

É a partir da hierarquização que o enunciador vai escolher (re) distribuir e (re) organizar sua sentença, bem como decidir como vai organizar a posição de cada sintagma.

Em um projeto do Governo Federal, organizado pelo MEC, professores de todo o país produziram um interessante material de apoio aos professores da rede estadual e municipais de todo o Brasil. É o GESTAR, cujo material foi produzido por docentes das áreas das Ciências da Linguagem. Em uma das atividades do caderno de questões, a que segue abaixo nos chamou a atenção:

“Entrevista”

Aos 51 anos, o médico paulista Geraldo Medeiros é um dos endocrinologistas brasileiros de maior e mais duradouro sucesso.

Numa especialidade em que o prestígio dos profissionais oscila conforme a moda, há três décadas ele mantém a sua fama em ascendência. Em seu consultório de 242 metros quadrados, na elegante região dos Jardins, uma das mais exclusivas de São Paulo, Medeiros guarda as fichas de 32.600 clientes que já atendeu. Mais da metade o procurou para fazer regime de emagrecimento.

Sua sala de espera está permanentemente lotada e às vezes é necessário marcar uma consulta com uma semana de antecedência.

Como professor da Clínica Médica de Endocrinologia da Faculdade de Medicina de São Paulo, Medeiros já atendeu outros milhares de pacientes. A maioria, porém, foi parar em suas mãos em razão de outra especialidade da qual é mestre: as doenças da tireoide.

Veja, n. 567, p. 5.

1) Agora, você apresentará o médico e professor Geraldo Medeiros com as suas palavras. Não empregue palavras iguais às do texto.

2) Algumas informações oferecidas no texto possibilitam o leitor a construir asserções sobre o personagem e sua vida. Analise as informações destacadas a seguir e crie a sua asserção:

a) “É um dos endocrinologistas brasileiros de maior e mais duradouro sucesso”.

b) “Como professor da Clínica Médica de Endocrinologia da Faculdade de Medicina de São Paulo, Medeiros já atendeu outros milhares de pacientes”.

3) Qual é a diferença de significado atribuído ao texto, quando se emprega a expressão 32.600 clientes e quando se emprega milhares de pacientes, respectivamente?”

(PROGRAMA GESTÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR GESTAR II. MEC. BRASÍLIA, 2008)

Nossa experiência como leitores é plurissignificativa e polissêmica. É por isso que, quando falamos da relação direta entre modalização, topicalização, balizamento e hierarquia, damos a entender que todas essas categorias juntas contribuem sobremaneira para a interpretação e entendimento de um todo enunciativo. O texto acima não foi escolhido a esmo para compor essa atividade de “construção de significados”. Percebemos que cada construção, cada organização dos sintagmas acima teve um objetivo específico na apresentação do personagem “Geraldo Medeiros”. E é a partir dessa “arrumação”, desse balizamento construído pelo enunciador que as questões foram elaboradas.

Logo no início do texto, o médico é apresentado com sua idade, através de um processo topicalizador (e modalizador), deslocando a idade do médico para o início do período. O objetivo do autor do texto, provavelmente, a partir do contexto, foi o de demonstrar indiretamente a experiência do profissional de saúde.

No segundo parágrafo, também invertido, o autor escolheu a expressão “três décadas” no lugar de “trinta anos”. Também, por questões discursivo-expressivas, já que o sintagma utilizado no texto causa muito mais impacto que o número exato de anos.

Ainda no mesmo parágrafo, o médico já é tratado como “Medeiros”. Esse recurso é muito utilizado nesse tipo de texto, em que, primeiramente o personagem é apresentado pelo nome completo e, depois, com a calibragem e progressão textuais, ele passa a ser tratado com um pequena dose de intimidade, como se já fosse “conhecido” do leitor (o médico deixou de ser tratado como “Geraldo Medeiros” e passou a ser tratado como “Medeiros”, mas não por “Geraldo”).

O último parágrafo contrapõe o(s) anterior(es), em que o médico é apresentado como um profissional de sucesso que atende ‘clientes’ em um bairro nobre de São Paulo, os Jardins. O autor faz questão de descrever a dificuldade de marcação das consultas e os detalhes de seu consultório luxuoso. Porém, já no último momento do texto, o médico já é mostrado como um Professor Universitário que (discursivamente falando) não atende mais ‘clientes’, e sim ‘pacientes’, e que seu lado humanitário demonstra ser um profissional preocupado com as causas sociais.

Como chegamos a essas asserções acerca do texto proposto? A partir da arrumação das sentenças, das escolhas lexicais, das inversões e das pistas linguísticas que demonstram a finalidade do enunciador dentro desse contexto. É a junção de todas essas “pistas” que faz com que a leitura tenha sentido, e o ato discursivo se expresse respeitando as múltiplas possibilidades de entendimento e interpretação.

2.3 A Topicalização como um Fenômeno Modalizador

Henriques (2011, p.109) define topicalização como “o termo que se usa para indicar o deslocamento de um sintagma de sua posição normal na frase para o início dela – o que se dá por razões de natureza discursivo-textual.”

O autor nos mostra que nem sempre a ordem direta é a melhor opção para o enunciador, dependendo de seu objetivo e do contexto do ato. “Cada situação discursiva, textual é que dirá se a escolha mais apropriada é uma, outra ou mesmo um misto de ambas.” (2011, pp 109 e 110).

O trabalho da sintaxe anexado ao da estilística move a decisão da escolha da arrumação de uma sentença, de um período ou de todo o texto e, segundo Henriques, a “escolha estilística” levará em conta a busca do “saber expressivo”.

Sabendo que um texto não é um amontoado de palavras soltas, partimos do princípio de que a escolha e a posição lexical se dá a partir de um juízo de valor modalizante, que pode expressar opiniões acerca de quem ou do que se apresenta, como no texto “Entrevista”, explicitado no capítulo anterior.

Em muitos casos, uma (re) arrumação sintática nos permite demonstrar um processo semântico e estilístico bastante sutil, mas que consegue atingir o objetivo pretendido.

Vejamos outro exemplo que ilustra nossa opinião:

A partir da ideia de topicalização como um fenômeno modalizador, analisemos uma letra dos cantores e compositores Roberto Carlos e Erasmo Carlos para mostrar a relação direta existente entre esses fenômenos linguísticos e as possibilidades de interpretação do texto. Leia-se:

Café da Manhã

Amanhã de manhã
 Vou pedir o café pra nós dois
 Te fazer um carinho e depois
 Te envolver em meus braços

E em meus abraços
 Na desordem do quarto esperar
 Lentamente você despertar
 E te amar na manhã

Amanhã de manhã
 Nossa chama outra vez tão acesa
 E o café esfriando na mesa
 Esquecemos de tudo

Sem me importar
 Com o tempo correndo lá fora
 Amanhã nosso amor não tem hora
 Vou ficar por aqui

Pensando bem
 Amanhã eu nem vou trabalhar
 E além do mais
 Temos tantas razões pra ficar

Amanhã de manhã
 Eu não quero nenhum compromisso
 Tanto tempo esperamos por isso
 Desfrutemos de tudo

Quando mais tarde
 Nos lembrarmos de abrir a cortina
 Já é noite e o dia termina
 Vou pedir o jantar

Ao iniciarmos a análise pelo primeiro verso da letra, percebemos que a expressão adverbial de tempo inicia a música e marca linguisticamente e semanticamente a presença de tempo durante todo o texto. Muitos acham que o nome desta composição do “rei” é “amanhã de manhã”, comprovando o valor semântico de tempo realçado em toda a letra.

“ Na desordem do quarto esperar

Lentamente você despertar”

Nos versos acima, é importante destacar o processo da topicalização das expressões adverbiais “Na desordem do quarto” e “Lentamente”. Se as sentenças aparecessem em ordens diferentes (“ esperar na desordem do quarto” e “você despertar lentamente”), o efeito de sentido não seria o mesmo. Provavelmente os compositores queriam intensificar, nessa prosa poética, a marcação das circunstâncias expressadas pelos advérbios e expressões adverbiais topicalizados.

Em “Amanhã nosso amor não tem hora” e “ Amanhã eu nem vou trabalhar” também encontramos os advérbios em posições topicalizadas, endossando a necessidade de marcar o tempo durante o texto-músico. Os “olhares” do leitor se voltam para o constituinte topicalizado.

“Tanto tempo esperamos por isso”

Se a sentença estivesse na ordem direta, o objetivo semântico da interpretação e da marcação temporal não seria atingido. A posição do advérbio (ou da expressão adverbial) assume um caráter modalizador, pois, além de estar topicalizado, diz respeito às intenções do enunciador.

3 O PREDICATIVO COMO MODALIZADOR “EM ESSÊNCIA”

Mário Vilela e Ingedore Koch (2001, pp307 a 309) abordam o tema da modalidade de uma forma proveitosa. Chamam a atitude que o falante, em cada frase, assume perante o conteúdo do enunciado na sua globalidade (certeza, incerteza, dúvida, suposição, desejo, etc.) de “modalidade” ou “grau de validade”. Esse componente linguístico apresenta igualmente importância no conteúdo comunicativo.

Segundo esses autores, ainda no que tange o caráter modal, há de se destacar o “componente de emocionalidade” que é a junção dos elementos emocionais de um texto, já que o enunciador pode exprimir, a sua “atitude emocional”: alegria, tristeza, ódio, rancor, etc. “A emocionalidade da frase” pode aparecer, normalmente, por meios prosódicos, pela disposição dos elementos da frase e por meios lexicais. Dentro dessa última maneira de se demonstrar a “emoção” num evento comunicativo, destacamos o uso do predicativo que, tanto para Vilela e Koch, tanto para nós, possui um caráter modalizador/emocional em essência.

O predicativo pode aparecer representado por diversas classes de palavras. É claro que, quando ocorre como adjetivo, o caráter modalizador salta aos olhos. Porém, no português brasileiro há a tendência de se transformarem outras classes gramaticais em predicativos. Por exemplo, quando ouvimos uma adolescente dizer que aquele determinado show de sua banda preferida foi “TUDO”, há, na verdade, uma transferência (ora por contiguidade, ora por semelhança) do que o demonstrativo representa. A partir do momento que a jovem diz “O show da banda X foi tudo!”, mesmo não utilizando uma classe gramatical corriqueira como predicativo, qualquer usuário da língua entenderia que a espectadora gostou muito do show a que assistiu. Isso porque, hoje em dia, já é comum utilizar essa palavra com uma característica qualificativa.

Esse assunto fez-me lembrar de um recado que recebi de uma aluna pelo facebook, por conta de sua aprovação na UERJ no curso pretendido. “*Obrigada! Você foi A professora de português e literatura!*” Achei bastante expressiva a maneira com que ela marcou a modalização do predicativo “professora de português e literatura”. De fato, se ela não pusesse o artigo (principalmente em caixa alta), talvez eu não entendesse sua real intenção: a de mostrar que meu trabalho como

docente deve ter feito alguma diferença em sua aprovação no vestibular da universidade estadual. Isso foi possível porque a discente utilizou os recursos da semântica do artigo agregada à posição predicativa privilegiada, desenvolvendo seu caráter modalizador *sui generis*.

Nessas expressões a que fazemos referência, julgamos importante destacar o uso de verbos de ligação específicos, que acabam por endossar o caráter modalizador do predicativo.

Para Azeredo (2008, p. 214), “o verbo parecer difere dos demais porque seu papel não é aspectual; ele é empregado para exprimir uma atitude ou ponto de vista do enunciador, funcionando, desse modo, como um recurso de modalização, haja vista seu uso como auxiliar: **parece** ser, **parece** estar etc.”. Esse comentário pode ser ilustrado com a letra “Pareço um menino”, de Piska / Cesar Augusto:

Pareço Um Menino

Apenas você tem o dom
De mudar meu destino
É só me tocar com seus olhos
Pareço um menino...

Deitado em seu colo
O mundo não
Me surpreende
Sou homem maduro
Mas na sua frente
Não sou mais
Que um menino...

Você tem a luz
Que ilumina
O nosso caminho
Depois de você, descobrir
Que não sou, mais sozinho...

Você é o amor
Que a vida me deu
De presente
Sou homem maduro
Mas na sua frente
Pareço um menino..
Você me abraça
E a tristeza, vai embora
A dor que existe
Fica da porta pra fora

A gente briga
 Mas é coisa que acontece
 Logo o coração esquece
 Porque a gente se adora...(2x)

Você tem a luz
 Que ilumina
 O nosso caminho
 Depois de você, descobri
 Que não sou mais sozinho...

Você é o amor
 Que a vida me deu
 De presente
 Sou homem maduro
 Mas na sua frente
 Pareço um menino...

Você me abraça
 E a tristeza, vai embora
 A dor que existe
 Fica da porta pra fora
 A gente briga
 Mas é coisa que acontece
 Logo o coração esquece
 Porque a gente se adora...

Percebemos, a partir da letra acima, que tanto o verbo **parecer** quanto o predicativo **menino** apresentam caráter modalizador. O “menino” a que o compositor se refere não é apenas o substantivo masculino que designa uma criança do sexo masculino, mas passa a receber um valor de “ser ingênuo, sem maldade”, contrário ao “homem maduro”. É interessante perceber que o contexto recebe um papel de suma importância no momento da interpretação do texto. O par opositivo “homem maduro” x “menino” perpassam todo o texto e nos levam a entender que o “ser menino” é um estado momentâneo, é, na verdade, “estar menino”. A relação semântica que envolve o uso dos verbos de ligação muito contribui para a progressão textual, bem como para sua interpretação.

3.1 A Interferência Semântica na Função do Predicativo

O estudo do predicado nominal e, conseqüentemente, do verbo de ligação e do predicativo ainda necessitam de contribuições. O caráter modalizador do predicado nominal realça um enfoque de um tipo específico de organização semântica. O teor de modalização acionado pelo predicado nominal é bastante

utilizado no português do Brasil, principalmente nas letras de música. Para tanto, os estudos sobre modalização realizados por autores como Azeredo(2008), Neves (2000), entre outros, subsidiam a hipótese de que o predicado nominal, mesmo posposto ao sujeito, possui caráter modalizador. A análise empreendida resultou no reconhecimento de que há uma relação entre o predicado nominal e o teor proposicional exposto no interior do sujeito.

A arrumação das palavras para a formação de um sintagma nominal formador de predicativo é maneira incisiva de mostrar o juízo de valor do enunciador:

“(...) Além disso, há adjetivos que nunca aparecem sozinhos na posição de predicativo do sujeito, e outros que mudam de sentido quando são usados nesse contexto: dizemos, por exemplo: estou com uma bruta dor de cabeça, mas não minha dor de cabeça é/está bruta; Gregório era um mero serviçal, mas não o serviçal Gregório era mero; ainda assim, nossa intuição é que bruta e mero são adjetivos.” (Ilari e Basso, 2006, p.112)

Analisemos os seguintes exemplos, os três primeiros listados por Henriques (2008, pp 38 e 39).

- (1) Não saio com você desarrumada.
- (2) Não deixarei que tirem retrato de mim nua.
- (3) No conto que escrevi, ele parecia minha irmã já envelhecida.
- (4) O quarto foi arrumado por eles contrariados.

Os casos supracitados são analisados numa perspectiva mais moderna da sintaxe, agregada com a semântica e a pragmática. Henriques define o predicativo como “o termo B’ que qualifica o ‘termo A’”. No próprio subtítulo, ele já utiliza as reticências para mostrar justamente que os “tipos” de predicativo são inúmeros, conforme a arrumação, a intenção e o contexto do ato enunciativo .

Em 1, o termo B (*desarrumada*) é predicativo do adjunto adverbial de companhia, (que apresenta *você* como núcleo).

Em 2, *nua* é predicativo do adjunto adnominal (que tem *mim* como núcleo).

O exemplo 3 nos mostra que há possibilidade de estruturarmos sintaticamente uma sentença com predicativo do próprio predicativo.

A partir de uma situação hipotética, construímos a sentença 4, que é um

modelo pouco provável de acontecer no PB. O adjetivo “contrariados”, no contexto, aparece com a função de predicativo do núcleo do agente da passiva (eles).

É claro que a explicação dos exemplos acima é de ordem sintático-semântica, mas que marca a real potencialidade dessa função sintática tão envolvida de características modais.

Um outro caso interessante de mostrar a relação da semântica com a sintaxe pode ser discutido a partir dos exemplos que seguem:

(6) Gosto de cerveja gelada.

(7) Gosto da cerveja gelada.

A diferença contextual e expressiva do uso da preposição “pura” no exemplo 6 marca, automaticamente, a variação semântica/sintática de “gelada”, em ambas as frases. Na primeira, o adjetivo é adjunto adnominal do núcleo *cerveja*. No segundo, exerce função de predicativo do núcleo do objeto indireto (*cerveja*). Essa discussão acaba contrariando autores como Celso Cunha (1970, p.103) e Adriano da Gama Cury (1985, p.27), que afirmam que o único caso de predicativo do objeto indireto é o que ocorre com o verbo chamar em frases como “Chamei-lhe (de) tolo”.

Elementos exteriores ao grupo adjetival geralmente conferem a ele um “grau” maior de modalidade. Por exemplo:

O carro é rápido recebe um tom modal diferente de *O carro é extraordinariamente rápido*. O advérbio, no segundo exemplo, recebe o papel de aumentar o tom de modalização do adjetivo rápido. Certamente essas frases não são sinônimas e seriam utilizadas, fatalmente, em situações/ contextos diferentes.

Há também certas expressões formadas por grupos adjetivais do português do Brasil que são “ligadas pela valência ou desligadas da valência”. Geralmente, na linguagem oral, utilizamos predicativos que, teoricamente, estariam incompletos. Por exemplo:

(8) O estudante é digno (do prêmio).

(9) O barco está pronto (para a partida).

(10) Os livros estão adequados (à idade).

A tradição da língua nos leva a aceitar que as três sentenças supracitadas estariam completas se desligadas de qualquer complemento. Afinal, pode-se dizer que um homem digno (apenas) é um homem bom. Que “pronto”, em exemplos como

o 9, é um nome que não precisa ser completado, bem como “adequados”, em 10. Essas sentenças foram utilizadas por Vilela e Koch (2001, p.333), no capítulo intitulado *Gramática da Frase*. Acrescentamos os parênteses para realçar a importância (ou não) desses elementos completivos.

3.2 Minissentenças, Elipses e Hipérbato : Recursos Semânticos na Ordem do Predicativo

Outro momento em que o predicativo se vale de seu caráter modalizador é quando ele é formado por minissentenças adjetivais, geralmente com a ajuda de elipses, inversões e/ou vírgulas com elipse. Leia-se:

(11) **Invisível, macio, traiçoeiro**, o tempo passa. (Otto Lara Resende, Folha de São Paulo, 8 de abr. 1992)

(12) **Horrível** o teu cabelo.

(13) **Rural**, esta casa.

(14) **Governamentais**, estes problemas.

Os exemplos acima são bastante utilizados no PB e conseguem ilustrar como o predicativo pode aparecer em possibilidades diversas, de acordo com o objetivo do enunciador e com a situação do ato de fala. Eles foram retirados da *Gramática do Português Brasileiro*, de Ataliba de Castilho (2010, p. 318).

Esses sintagmas nominais a que ele nomeia de *minissentenças* servem para calibrar o texto, acelerá-lo, “agregando tópicos e propriedades de tópicos sem amarração sintática com os verbos plenos que os antecedem.”

Percebemos que a topicalização de um termo da oração (neste caso, o predicativo) colabora para a progressão textual, bem como para a demonstração do juízo de valor do produtor do texto.

Consideramos importante discorrer um pouco acerca das expressões idiomáticas que exercem valor de predicativo. Elas funcionam como uma sequência de palavras que, quando cristalizadas, funcionam com significado próprio. A expressão *bicho de sete cabeças* recebe um sentido diferente de cada palavra analisada separadamente. Leiamos o exemplo abaixo, retirado da obra de Mário Perini, intitulada *Gramática do Português Brasileiro* (2010, p.323):

(15) *A sintaxe é um bicho de sete cabeças para os alunos.*

O predicativo da sentença acima mencionada está representado por uma expressão idiomática. Qualquer falante do português do Brasil entenderia que um “bicho de sete cabeças”, nesse contexto, não é um animal (literalmente falando), mas algo muito difícil de ser executado.

Em muitos casos, a formação de uma expressão idiomática viola a tradição gramatical e/ou semântica. Perini cita o exemplo de “ao pé da letra”, que se for analisada numa perspectiva denotativa, não caberá qualquer sentido, já que letra não tem pé.

Analisaremos aqui três expressões que funcionam como predicativo e, conseqüentemente, núcleo de um sintagma nominal.

(16) Esse meu filho é um pé de boi.

Essa expressão acima, dentro de um contexto que favoreça, significa uma pessoa que goste de trabalhar muito. Reparemos que, de certa forma, a expressão idiomática que exerce função sintática de predicativo está envolta de todo um caráter modalizador muito mais intenso que um “mero” adjetivo, na maioria dos casos.

(17) Os alunos eram gatos-pingados.

A sentença-exemplo em questão agora utiliza uma expressão bastante utilizada no PB. Certamente, se no lugar de “gatos-pingados” o autor da frase resolvesse usar “poucos”, não demonstraria a expressividade que possivelmente gostaria de realçar, mesmo que a intenção não fosse usar um valor pejorativo.

Consideramos interessante comentar acerca da opinião de Perini (2010,p.327) sobre a diferença entre expressões idiomáticas e metáforas. Para ele, as primeiras não necessitam de um trabalho de interpretação para ter sentido, ao contrário das segundas.

(18) Esse menino é uma bomba atômica.

Mesmo com a relação que o enunciado tem com o contexto, não é possível afirmar o motivo que levou o autor da frase a comparar esse menino com uma bomba atômica. A partir daí, surgem alguns questionamentos: ele é uma bomba por quê? Porque é animado. Porque é desajeitado. Porque é bagunceiro. Porque é barulhento. É claro que, para se escolher uma das respostas (ou para formar uma

outra diferente), precisamos conhecer a história desse menino e tentar “pescar” alguma pista que mostre a opinião do enunciador acerca do jovem.

Já com as expressões idiomáticas, o ato de entendimento ocorre de maneira diferente, pois elas estão armazenadas no léxico da nossa língua e não requisitam tanto esforço do interlocutor para serem entendidas. Portanto, a partir dessa diferença abordada por Perini (2010, pp327 e 328), concluímos que em (18) temos um exemplo de metáfora, não de expressão idiomática.

Diante do exposto, percebemos que o predicativo, independente de como venha representado, possui, já na sua essência argumentativa, um caráter modalizador latente e, por isso é um tema relevante para ser estudado por pesquisadores do vernáculo. Essa função sintática tem o poder de transformar um juízo de valor, de fazer com que o enunciador mostre sua opinião explícita ou implícita de alguém, alguma coisa ou alguma situação.

Como a língua é viva e plural, a cada dia percebemos que os “modelos” de predicativos estão sendo acrescentados, ora pela tradição cultural, ora por gírias, ora por tendências regionais que acabam democratizando esses modelos.

Lembro bem quando fui a Salvador pela primeira vez, percebia que os soteropolitanos utilizavam muito a palavra “massa” para fazer referência a algo muito agradável, muito bom. “Aquela festa é massa!” foi um dos exemplos que ouvi pela primeira vez com esse “modelo” de predicativo e, depois de um tempo, a mídia e as bandas de axé se encarregaram de divulgar o significado do sintagma. Os três primeiros versos da letra intitulada *Extravasa*, interpretada por Claudia Leite, cantora natural do município de São Gonçalo, mas criada na Bahia, apregoam: Dominou geral / Sacudiu a praça / Venha que o som é massa (...)

Depois da repercussão que a música baiana atribuiu a essas expressões, um falante brasileiro de qualquer região do Brasil entenderia, fatalmente, o sentido de “massa” no exemplo supracitado, bem como a intenção do autor em utilizá-lo. A partir dessas reflexões, não devemos concordar que o predicativo realmente possui uma característica essencialmente modalizadora?

3.3 Escolha Lexical : Aprovação e Desaprovação

Azeredo (2008,p. 430), no capítulo intitulado “Relações Semânticas no Léxico: traços semânticos e relações de Sentido”, discorre sobre o “poder” que a escolha

adequada das palavras tem em interferir no seu valor semântico e na intenção expressiva do enunciador. Imaginemos os seguintes exemplos:

(19) A casa era perfumada.

(20) A casa era cheirosa.

(21) A casa era fedorenta.

Ainda notando o valor argumentativo que o predicativo possui, percebemos que as três frases acima, apesar de falarem da “casa”, atribuem juízos de valor diferentes em relação ao imóvel. Isso se dá por causa da adequação vocabular em cada sentença. Na primeira, o predicativo “perfumada” atribui à casa uma opinião positiva. Na segunda, apesar de positiva, o uso do vocábulo “cheirosa” já dá à oração um caráter mais informal, principalmente em comparação com o primeiro exemplo. Comparando as duas primeiras frases, o enunciador, na escala avaliativa, demonstrou uma “subida”, já que, normalmente, o termo “perfumada” é mais sofisticado e formal do que “cheirosa”. Já o último exemplo aparece com um tom negativo da sala, demonstrado explicitamente através do uso do predicativo “fedorenta”, palavra usada, normalmente, em meios coloquiais distensos, quase populares.

Caso parecido acontece com os adjetivos “bonita” e “linda”, utilizados como predicativos. Imaginemos duas pessoas que compareceram ao mesmo casamento. A primeira, quando viu a noiva entrar, ficou tão impressionado com a beleza da mulher que, ao chegar em casa, comentou : “A noiva estava linda!”. Diferente de outro convidado, que não conseguiu enxergar tamanho grau de beleza na mulher “ A noiva estava bonita!”. Percebemos que não há sinônimos perfeitos, mas que, diante do contexto apresentado, os predicativos “linda” e “bonita” aparecem quase que como um par “opositivo”, até porque é muito pouco provável uma noiva, no dia do seu casamento, estar feia. É como se o segundo exemplo representasse a demonstração do óbvio, do lugar-comum, quase com um tom decepcionante.

4 A CONTRIBUIÇÃO DA ESTILÍSTICA PARA O EVENTO DA MODALIZAÇÃO

Sabemos que a língua não é um produto acabado, Henriques (2011, p.27) define estilo como “o modo pelo qual um indivíduo usa os recursos fonológicos, morfológicos, sintáticos, lexicais, semânticos, discursivos da língua para expressar, oralmente ou por escrito, pensamentos, sentimentos, opiniões, etc.”

É interessante perceber que a estilística está muito mais relacionada à escolha do que a desvio.

Muitos autores, escritores e compositores optam por uma palavra em detrimento de outra puramente por conta do estilo.

Na década de 70, por exemplo, algumas músicas conhecidas como “cafônicas” fizeram sucesso justamente por causa da escolha lexical do escritor, que enaltecia o estilo dessas canções que serviam, em muitos casos, como desabafo de uma classe menos favorecida.

O escritor e jornalista Paulo César de Araújo escreveu um livro intitulado “*Eu não sou cachorro, não – música popular cafona e ditadura militar*”, em que ele mostra com bastante ousadia o caminho percorrido por esses compositores vistos como “cafônicas”,

Um trecho que julgamos bastante interessante do referido livro ilustra muito bem a reação dos interlocutores com o lançamento do maior sucesso de todos os tempos do cantor e compositor Waldik Soriano.

“A nova composição de Waldik Soriano pegou a todos de surpresa e o mineiro José Fernandes chegou a exclaimar: “Uai, e quem está dizendo que ele é?”. Um outro crítico foi mais enfático ao advertir que a faixa lançada “só engana a quem nunca ouviu música na vida”. Chacrinha também não gostou e buzinou que depois dessa “coisa horrível” o repertório de Waldik Soriano merecia “uma dedetização... ou uma cesta de lixo”. Estamos falando do lançamento daquele sucesso popular cujo título ainda hoje frequenta os para-choques de velhos caminhões da estrada: “*Eu não sou cachorro, não.*” (Araújo, 2003: p.235).

Em uma entrevista televisiva, o cantor baiano contou que numa noite de 1972, estava sendo aguardado no aeroporto de Natal pelo então empresário Winston de Oliveira. Porém, o voo sofreu um longo atraso em uma escala em Recife, e quando conseguiu desembarcar no Rio Grande do Norte, Waldik foi recebido pelo empresário com a seguinte saudação: “Pô, Waldik, estou até agora lhe esperando. Eu não sou cachorro, não, rapaz.”

Foi assim que Waldik resolveu, mais uma vez, aproveitar as falas de origem popular para criar um dos seus maiores sucessos.

Indiscutivelmente, o refrão fez mais sucesso que o restante da letra. Na época, diversos artigos foram publicados para tentar entender este fenômeno: o sucesso provocou milhares de cópias, tornando-se o maior sucesso da vida de Waldik.

Ainda no livro de Araújo (2003), o compositor baiano Isaías Souza e seu intérprete fluminense Evaldo Braga também são lembrados como figuras marcantes do auge do sucesso das letras “cafônicas” da década de 70. Composições como “Eu não sou lixo” e “A cruz que carrego” encantavam milhões de brasileiros que utilizavam tais letras como forma de catarse e apelo.

Situação interessante também ocorre na letra de Isaías Souza, compositor baiano que construía grande parte das letras de Evaldo. Leia-se:

Sinto que é grande a tristeza
Intenso o inverso
O meu destino cruel
Me expõe ao inferno

Em nada mais posso crer
Para mim nada existe

Somente eu sei dizer
Por que eu vivo tão triste

Sinto a cruz que carrego bastante pesada
Já não existe esperança
No amor que morreu
A solidão, amargura
Desprezo e mais nada
Vou lamentando a sorte
Que a vida me deu
Vou caminhando tão triste
Na noite escura

Meu coração vai sofrendo
Minha alma murmura
Quem de amor me chamava
Na hora da ceia
Quem de mim tanto gostava
Agora me odeia

Sinto a cruz que carrego
 Bastante pesada
 Já não existe esperança
 No amor que morreu
 A solidão, amargura
 Desprezo e mais nada
 Vou lamentando a sorte
 Que a vida me deu

(A cruz que carrego – Isaías Souza)

Para analisar essa letra, tive acesso a trechos escritos à mão pelo próprio compositor, meu tio, que faleceu quando eu tinha cinco anos. Ouvi durante muito tempo a família dizer que Isaías demorou muito tempo para compor essa letra. Demonstrou algumas dúvidas acerca do uso de certos vocábulos, como em “sinto a cruz que carrego bastante pesada”. Nos rascunhos a que tive acesso, o compositor troca por duas vezes o gênero da palavra destacada.

A esposa do autor insiste na tese de que ele preferia o verso como predicativo no gênero masculino. “Era assim que ele se sentia muitas vezes! A vida era dura para ele. Sentia-se pesado!” – revelou a mulher do compositor.

Um conjunto de palavras, no contexto, passa a pertencer ao mesmo campo semântico. Essa relação revela o pesar e a tristeza que Isaías tentou demonstrar, lançando mão da expressividade da escolha de cada palavra em questão:

Tristeza – inverno – cruz – destino – cruel – inferno – pesada – morreu – amargura – solidão – desprezo – nada – lamentando – noite escura – sofrendo – murmuro – gostava – odeia

É interessante destacar o uso da metáfora pura: “A cruz que carrego”, em que as palavras “cruz” e “carrego” estão envoltas de um valor expressivo-semântico ligado ao pesar, ao sacrifício e à tristeza. Essas escolhas lexicais contribuem para a sequência textual. As ideias caminham paralelamente endossando a emoção e a expressividade.

É a partir dessas ideias de estilística e expressividade que percebemos sua contribuição para o fenômeno da modalização.

Diante do exposto no decorrer do presente trabalho, notamos a relação direta entre topicalização e modalidade e, de fato, destacamos que os dois eventos possuem características modalizadoras impactantes.

Principalmente em textos artísticos e informais, a estilística contribui para que a escolha de determinadas formas de expressão tenham sentido para o leitor. Vamos fazer uma análise da letra de Roger Moreira, ex – vocalista da banda Ultraje a Rigor, muito famosa na década de 80:

Inútil

(vô cantar tudo de novo, ô ?!)

A gente não sabemos
Escolher presidente
A gente não sabemos
Tomar conta da gente
A gente não sabemos
Nem escovar os dente
Tem gringo pensando
Que nós é indigente...

"Inúteu!"
A gente somos "inúteu!"
"Inúteu!"
A gente somos "inúteu!"

A gente faz carro
E não sabe guiar
A gente faz trilho
E não tem trem prá botar
A gente faz filho
E não consegue criar
A gente pede grana
E não consegue pagar...

"Inúteu!"
A gente somos "inúteu!"
"Inúteu!"
A gente somos "inúteu!"

A gente faz música
E não consegue cantar

A gente escreve livro
 E não consegue publicar
 A gente escreve peça
 E não consegue encenar
 A gente joga bola
 E não consegue ganhar...

"Inúteu!"
 A gente somos "inúteu!"
 "Inúteu!"
 A gente somos "inúteu!"
 "Inúteu!"
 "Inúteu!"
 "Inúteu!"
 Inú! inú! inú...

O refrão da letra de Roger soa mal em nossos ouvidos porque estamos acostumados a ouvir *Nós somos inúteis* ou *A gente é inútil*. Porém, há uma dissonância causada pelo “desrespeito” à concordância. Certamente, nesse caso, não estamos falando de erro ou desvio, mas de escolha. A escolha do autor em utilizar, o que hoje chamamos de “concordância ideológica” está muito ligada à necessidade de expressar um desejo, uma interpretação, uma idiossincrasia ou um juízo de valor.

Numa perspectiva de pluralidade linguística, o predicativo “inúteu” está recheado de desejo expressivo e, automaticamente, modalizador. Pode ser interpretado até como um inconformismo da rigidez das regras emplacadas pela norma gramatical. O que sabemos é que esse “erro” foi intencional, e está automaticamente articulado com o contexto.

Prosseguimos com os comentários sobre estilística sintática, é preciso avaliar o que se chama de “efeito expressivo”.

Somos usuários da língua e nos fazemos valer de uma pluralidade de recursos que ela nos fornece. Sabemos que a sintaxe, a morfologia, a semântica e a estilística são “categorias” que andam juntas na construção de um enunciado.

A partir dessa ideia, Henriques (2011, p. 105) nos diz que “ a receita para se saborear a estilística sintática tem três ingredientes: a morfologia, a sintaxe e a semântica.”

Quando realizamos certas reescrituras de textos, estamos nos valendo de uma hierarquia de informações. A ordem direta das orações nem sempre é a mais

apropriada para que se atinja a intenção do enunciador (isso se ele teve alguma intenção específica). Para ilustrar melhor essa ideia, sugerimos o seguinte exemplo:

Várias crianças em idade escolar foram levadas ao jardim zoológico por suas professoras. Porém, ao final do dia, as opiniões acerca do passeio foram divididas, já que as crianças eram muito “elétricas”, e não paravam nem para comer. As professoras, irritadas, disseram à diretora da escola:

(1) As crianças, elas aproveitaram bastante o passeio!

Mais uma vez o anacoluto está presente em nosso trabalho, agora para endossar o poder que a estilística sintática tem em demonstrar sentimentos e opiniões no ato da construção da sentença.

Porém, quando as crianças foram interrogadas acerca do passeio, responderam:

(2) O passeio foi muito bom para nós!

É claro que, até por conta de uma variação etária, as escolhas lexicais para a construção das sentenças foram diferentes. Porém, na fala das professoras, priorizou-se começar a sentenças pelo sintagma “As crianças”, que foi novamente remetido pelo sujeito “elas”, a partir de uma “quebra” da sintaxe canônica. Essa foi a maneira que as profissionais encontraram de demonstrar o quanto as crianças as ocuparam mais do que o próprio passeio. Esse recurso expressivo, que também não deixa de ser modalizador, consegue mostrar a expressividade pretendida pelas possíveis interlocutoras.

Já na fala das crianças, percebemos que a ordem direta foi priorizada, iniciando-se o período pelo sintagma “O passeio”, que, dentre as opções lexicais a que os jovens tinham acesso, foi a melhor escolha para que demonstrassem o que para eles foi o mais importante: o passeio.

Interessante também abordar o que Nilce Sant’Anna chama de frases de dois membros (2008, p.181). Ela compara as frases *Bonita, esta menina* com *Esta menina é bonita* e percebe que no primeiro caso a expressividade é maior, pois dá-se destaque tanto ao adjetivo quanto ao substantivo, separando-os por pausa, em que se realça ainda mais a entoação e, conseqüentemente, a expressividade.

A mesma autora, ainda no campo da estilística da frase, nos concede alguns exemplos bastante sugestivos no que tange à ideia de inversão (topicalização) como recurso expressivo:

- (3) Bobo ele não é.
- (4) Dinheiro eu não tenho.
- (5) Em casa você não o encontra.

(2008,p. 209)

Percebemos nos exemplos acima que a inversão dos sintagmas quebra a monotonia dos moldes da ordem direta e possibilita maior expressividade naquilo em que se quer dar mais destaque.

Sant'Anna ordenou os casos encontrados no romance *Corpo Vivo*, de Adonias Filho, “em que a inversão, ao lado da elipse, é privilegiada.”

Dentre os vários casos, o que nos chamou mais a atenção foi o da ordem Predicativo – verbo – sujeito. Segundo a autora, são muito numerosos esses exemplos de hipérbato:

(6) Amarga é a saliva quando os olhos se tornam mais verdes (p.109)

(7) Negra como a noite era a sua pele (p.29)

(8) Três são os candeeiros que iluminam a sala (p.76)

(9) Sua foi a vontade de limpá-los com os dedos (p.84)

(10) - Malva! – dele é a voz (p.99)

(11) Moço era que barba não tinha e de cigano sua pele morena (p.78)

(2008, p.212)

Julgamos interessante citar os exemplos acima porque eles ilustram que o predicativo, como já posto no presente trabalho, possui, já na sua “essência”, um papel expressivo e modalizador. Quando topicalizado (como aparece em cada exemplo acima), consegue evidenciar seu tom expressivo de uma maneira bastante clara.

Outro tópico também abordado pela referida pesquisadora é o da *Ordem dos Termos no Sintagma Verbal*. Apesar de ser comum o verbo auxiliar aparecer na frente do principal, em muitos casos, geralmente com finalidade expressiva, há uma inversão. Vejamos os exemplos que seguem, retirados de Sant'Anna (2008, p. 207):

(12) Fugir você não pode.

(13) Morrer, quem é que quer?

(14) Trabalhando ele não está.

É interessante a análise e, ao mesmo tempo, muito comum na linguagem oral do PB esse tipo de inversão. Ela é proposital e enaltece a expressividade que se

quer evidenciar. Mais uma vez realçamos o fato de a topicalização ser um evento modalizador, pois, com a inversão do termo, o enunciador consegue demonstrar sua opinião acerca do tema.

Sabemos que a sintaxe, que organiza as palavras numa frase, é uma atividade criadora, e, justamente por isso, não trabalha sozinha. A estilística e a semântica estão combinadas a ela para colaborar na escolha das palavras que, de certa maneira, influenciam na expressão de opiniões viabilizadas pelo interlocutor.

Sant'Anna (2008) aborda as frases de um só membro como um recurso expressivo bastante usado. Na verdade, nesses casos, o enunciador utiliza somente o predicativo e transforma a oração com predicado nominal em uma interjeição. Por exemplo:

(15) Cachorro! (Seria a redução de “Você é um cachorro!”)

(16) Bacana! (Corresponderia a algo como “Achei alguma coisa bacana!”)

Para a autora, “essas exclamações concentram a manifestação emotiva, pois o falante, possuído por uma emoção, não se detém para raciocinar e construir uma frase lógica. Mas quem escreve um texto não abusa de tal tipo de frase, a não ser em mensagens de tom intencionalmente agressivo ou passional.” (2008, p.183)

Suponhamos que, em um contexto de briga conjugal, a esposa queira ofender o marido e, no auge da emoção, chame-o de “Cachorro!”, como no exemplo utilizado por Sant'Anna. Certamente, haverá a redução de sintagmas na formação da sentença, que comprovará o uso de recursos estilísticos também na construção de sentenças na linguagem oral.

É claro que, certas estruturas conseguem apresentar uma força expressiva muito maior que outras. Sabemos que a estrutura frasal contribui sobremaneira para essa demonstração.

Algumas estruturas paralelísticas apresentam uma ideia implícita de causa, consequência, oposição, etc. Vejamos alguns exemplos utilizados por Sant'Anna (2008, p.182):

(17) Muito riso, pouco riso.

(18) Filhos criados, trabalhos dobrados.

(19) Casa de ferreiro, espeto de pau.

Esses provérbios se tornam atemporais porque apresentam a forma verbal omitida. Esse fato realça a expressividade desses ditados é acentuada, já que essas estratégias linguísticas conseguem cristalizá-los na fala e na mente das pessoas.

Nas “frases de um só membro”, a autora supracitada cita exemplos de frases que normalmente servem como avisos, anúncios ou “informações sumárias”:

(20) Fechado para almoço.

(21) Homens trabalhando.

(22) Rua sem saída.

(2008, p.182)

Os exemplos acima servem para demonstrar que a omissão de termos também é um recurso estilístico muito utilizado no PB. Numa placa de aviso de “homens trabalhando”, a informação pretendida chega com muito mais expressão ao interlocutor sem os adjuntos adnominais e o verbo auxiliar. Esse caso pode ser comparado às manchetes dos jornais.

Para encerrar esse capítulo, escolhemos uma composição de Arnaldo Antunes, interpretada por Marisa Monte :

Beija Eu

Seja eu!
Seja eu!
Deixa que eu seja eu
E aceita
O que seja seu
Então deita e aceita eu...

Molha eu!
Seca eu!

Deixa que eu seja o céu
E receba
O que seja seu
Anoiteça e amanheça eu...

Beija eu!
Beija eu!
Beija eu, me beija
Deixa
O que seja ser...

Então beba e receba
Meu corpo no seu

Corpo eu, no meu corpo
Deixa!
Eu me deixo
Anoiteça e amanheça...

Seja eu!
Seja eu!
Deixa que eu seja eu
E aceita
O que seja seu
Então deita e aceita eu...

Molha eu!
Seca eu!
Deixa que eu seja o céu
E receba
O que seja seu
Anoiteça e amanheça eu...

Aaaaah! ah ah ah ah! ah!
Ah! ah ah ah!
Ah! ah ah ah!
Ah ah ah!...

Beija eu!
Beija eu!
Beija eu, me beija
Deixa
O que seja ser...

Então beba e receba
Meu corpo no seu
Corpo eu, no meu corpo
Deixa!
Eu me deixo
Anoiteça e amanheça...

O que inicialmente seriam considerados como “desvios”, aqui, mais uma vez, chamamos de escolhas lexicais. É claro que o compositor é um homem culto o suficiente para saber onde os “problemas” no uso do imperativo, bem como os de colocação pronominal estão. Porém, novamente, um autor recorre a estilística e consegue transmitir mais subjetividade e emoção na letra. É como se, o eu lírico, utilizando essas escolhas mais expressivas, e, até mesmo, quase infantis, conseguisse mostrar, de certo modo, como se sente ao pedir um beijo à pessoa amada: um inocente, quase uma criança.

O interessante é perceber que, se os pedidos proferidos pelo eu lírico tivessem sido construídos em português padrão, a sensibilidade e expressividade da letra e até mesmo da melodia fatalmente seriam comprometidas.

5 O PREDICATIVO E A ESTILÍSTICA FÔNICA EM TEXTOS EXPRESSIVOS

Agregando o papel caracterizador do predicativo à expressividade realçada pela estilística fônica, podemos destacar momentos importantes em que a escolha do autor em predicar está mais preocupada com os efeitos sonoros e expressivos que o texto pode causar.

Lembro-me de uma entrevista que li com Sandra Gadelha, mãe da cantora Preta Gil, já há um tempo. Ela falava sobre a emoção que sentia quando ouvia o ex-marido interpretar a letra “Drão”, que, segundo ela, foi escrita por Gilberto em homenagem à ex-mulher, que possuía a alcunha de “Drão” desde pequena.

Drão

O amor da gente é **como um grão**
 Uma semente de **ilusão**
 Tem que morrer pra germinar
 Plantar n'algum lugar
 Ressuscitar no chão
 Nossa semente
 Quem poderá fazer
 Aquele amor morrer
 Nossa caminhada
 Dura caminhada
 Pela estrada escura

Drão

Não pense na separação
 Não despedace o coração
 O verdadeiro amor é **vão**
 Estende-se infinito
 Imenso monolito
 Nossa arquitetura
 Quem poderá fazer
 Aquele amor morrer
 Nossa caminhada dura
 Cama de tatame
 Pela vida afora

Drão

Os meninos são todos **sãos**
 Os pecados são todos meus
 Deus sabe a minha confissão
 Não há o que perdoar
 Por isso mesmo é que há
 De haver mais compaixão
 Quem poderá fazer
 Aquele amor morrer

Se o amor é como um grão
 Morre nasce trigo
 Vive morre pão
 Drão, Drão

Durante muito tempo da minha adolescência, quando escutava a música sem prestar atenção na letra, achava que o vocativo a que Gilberto Gil se referia era sempre “Grão”, até porque não sabia da história do cantor com uma Sandra, que era conhecida como “Drão” (de “Sandrão”) pelos íntimos. Depois que passei a analisá-la com mais cuidado, e já com a contribuição da estilística fônica, notei que a expressividade da canção perpassa qualquer coincidência fonética. A escolha lexical dos predicativos foi claramente coberta por uma expressividade tamanha. Ao mesmo tempo em que a mulher é grande em estatura (provavelmente por isso era conhecida como Drão), era comparada a um grão, pois provavelmente era assim que ela se sentia na separação: pequena, quase imperceptível.

Já defendemos a ideia neste trabalho de que o predicativo tem um papel atributivo em essência e que, quando escolhido para realçar a expressividade e subjetividade, consegue emocionar mais, demonstrar mais os interesses do compositor.

Hoje, Sandra já enxerga a letra com mais carinho. Segundo ela, foi difícil escutá-la logo após a morte do filho Pedro, que morreu num acidente de carro em 1990. Gil fazia referência aos três filhos que teve com Sandra (“Os meninos estão todos sãos), também escolhendo um predicativo que, foneticamente, se assemelhava ao título da música.

“Engraçado que Gil mesmo não me chamava de Drão. Antes havia feito a música 'Sandra'. Já 'Drão' marcou mais. Estávamos separados havia poucos dias quando ele fez a canção. Ele tinha saído de casa, eu fiquei com as crianças. Um dia passou lá e me mostrou a letra. Achei belíssima. Mas era uma fase tumultuada, não prestei muita atenção. No dia seguinte ele voltou com o violão e cantou. Foi um momento de muita emoção para os dois.”

(http://marieclaire.globo.com/edic/ed116/rep_inspiracao6.htm - acesso em 16/12/2011)

Certamente há como generalizar ou cristalizar o entendimento de uma canção, principalmente de Gilberto Gil, que é poeta e músico. Mas podemos identificar vários efeitos de sentido e expressão que o próprio texto vai ganhando no decorrer da leitura, principalmente a combinação fônica entre Drão, Grão e Separação - três palavras terminadas em “ão” que, certamente, não foram escolhidas a esmo pelo autor. São, na verdade, versos muito densos, que abordam

a história de um amor que acaba virando outro sentimento, ou até mesmo outro tipo de amor.

Segundo Henriques (2011, p.98), “à estilística fônica importam a expressividade e a impressividade do ritmo, da elocução e do material sonoro empregados no texto.” É a partir dela que muitos autores, jornalistas e publicitários escolhem determinadas palavras, a fim de despertar o interesse do leitor acerca do que está ali escrito.

Sou bastante musical, não só em minhas aulas de português, mas em minha vida. Não somente por ser sobrinha de compositor, mas por achar que a música consegue diminuir certos hiatos. Sempre fiquei impressionada com a capacidade que os autores têm em criar sambas-enredo, sem perder a riqueza do conteúdo da letra, a melodia, o ritmo e a expressividade. Lembro-me do ano em que me tornei salgueirense: 1992. Fiquei maravilhada com o samba da escola que falava sobre o café. O refrão até hoje não sai da minha mente:

Soca no pilão
Preto velho mandingueiro
O negro que virou ouro
Lá nas terras do Salgueiro

As letras que embalavam o desfile da Vermelho e Branco em 92 foram escritas por Bala, Efealves, Preto Velho, Sobral, Tiãozinho do Salgueiro e interpretadas por Quinho, que é “puxador” da escola até hoje. Lembro que pesquisei muito sobre o texto, principalmente sobre o refrão. Nessas pesquisas, descobri que em sua chegada à cidade do Rio de Janeiro, o café da Tijuca ficou conhecido como o de melhor qualidade. A partir daí, percebi que a escolha de “lá nas terras do Salgueiro” não foi apenas uma rima com “mandingueiro”. As “terras do Salgueiro” ficam, até hoje, nas redondezas da Tijuca, bairro carioca. Trabalho de mestre! Certamente, mesmo sem a formação especializada, esses “mestres” do samba recorreram à estilística fônica. Mais uma vez.

Outra história que julgo interessante e que também envolve esse ramo da estilística é sobre a infância do meu tio Isaías. Minha mãe diz que desde muito pequeno ele já se achava um compositor nato. Numa escola humilde de Salvador, com seus onze anos aproximados, resolveu criar uma composição e cantá-la em sala de aula. Minha mãe, que era irmã e também colega de sala, anotou a criação,

que possuía o seguinte refrão: “Manhãha, manhãha, manhãha que foi feita “pa” mim...”. A professora achou uma afronta aquela junção de sílabas pueris e disse : “ Que porcaria! Você é muito burro!”. Meu tio, que não conseguia ficar quieto, chamou a professora de ignorante. Isso, em plena década de 40, resultou na expulsão do jovem da escola.

Penso muito nesse fato da infância do meu tio e faço uma relação com a estilística fônica. Hoje em dia, há muitas letras que fazem sucesso com refrãos que, à primeira impressão, parecem não fazer muito sentido. Vejamos a composição de Caetano Veloso intitulada *Joia*:

Beira de mar
 Beira de mar
 Beira de mar na América do Sul
 Um selvagem levanta o braço
 Abre a mão e tira um caju
 Um momento de grande amor
 De grande amor

Copacabana
 Copacabana
 Louca total e completamente louca
 A menina muito contente
 Toca a coca-cola na boca
 Um momento de puro amor
 De puro amor

Essa letra, para nós, é exemplo vivo de que a expressividade, em uma composição, não acontece do vazio. Aquelas palavras escolhidas pelo meu tio, por exemplo, certamente não nasceram por acaso. Assim como as escolhas lexicais de Caetano, na letra supracitada, também não. Lembro que fiz a análise desse texto quando eu cursava o pré-vestibular, em 1994. Ainda tenho as anotações do meu professor. No auge dos meus dezesseis anos, achei, a princípio, que estava extrapolando, enxergando coisas que não estavam ali. Mais tarde, com a chegada da maturidade e com a escolha do meu curso universitário que definiria minha profissão, percebi que minha leitura poderia ser considerada pertinente. A segunda estrofe da letra saltou aos meus olhos. O momento de prazer pelo qual “A menina muito contente” passava com a coca-cola na mão, tocando-a na boca, que pude fazer alusão entre o som causado pela aliteração de ToCa a CoCa - Cola na boCa e o som produzido por uma gargalhada, já que a personagem está “contente”, em “um momento de puro amor”. Hoje, com o avanço da tecnologia e o uso de gêneros

como o msn, confirmo minha ideia e comparo a repetição desses sons consonantais com os sinais gráficos a que recorremos a fim de também representar o riso na tela do computador, quando conversamos informalmente: KKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKK.

Outro prodigioso predicativo com efeitos fônico-expressivos é “shimbalaiê”, criado pela jovem cantora e compositora Maria Gadú. A história dessa letra faz-me recordar do acontecido na infância do meu tio Isaías. Gadú já disse em várias entrevistas que nem ela mesma sabe qual o significado da palavra, que mais se assemelha a uma onomatopeia. Ei-la:

Shimbalaiê, quando vejo o sol beijando o mar
Shimbalaiê, toda vez que ele vai repousar

Natureza, deusa do viver
A beleza pura do nascer
Uma flor brilhando a luz do sol
Pescador entre o mar e o anzol

Pensamento tão livre quanto o céu
Imagine um barco de papel
Indo embora pra não mais voltar
Indo como que lemanjá

Quanto tempo leva pra aprender
Que uma flor tem que vida ao nascer
Essa flor brilhando à luz do sol
Pescador entre o mar e o anzol

Ser capitã desse mundo
Poder rodar sem fronteiras
Viver um ano em segundos
Não achar sonhos besteira
Me encantar com um livro
Que fale sobre a vaidade
Quando mentir for preciso
Poder falar a verdade

É interessante destacar que a música de Gadú, também proveniente de um momento infantil, ganhou repercussão nacional em pouco tempo, principalmente pelo neologismo quase onomatopaico criado pela autora. Na verdade, a palavra, quase “solta” na letra, pode ser naturalmente vista como um predicativo, quando fazemos uma inversão da ordem proposta pela autora e desfazemos certas elipses. Vejamos:

[Quando vejo] o sol beijando o mar [é] shimbalaiê

Toda vez que ele vai repousar [é] shimbalaiê

Notamos que o predicativo é uma função tão modalizadora e expressiva que, mesmo sem definição exata, atribui uma qualidade que, de acordo com o contexto, parece ser positiva. Também é muito importante se lembrar de que o modo como o locutor profere suas palavras deve denunciar suas intenções, suas opiniões e seus juízos de valor. Esse é o ponto de encontro notável entre fonoestilística e modalização. Não há dúvidas de que na matéria fônica se escondem possibilidades expressivas. Poetas, autores, artistas que trabalham com a palavra são os que melhor reconhecem o potencial da expressividade dos sons dos vocábulos e de suas combinações subjetivas.

Lamartine Babo, leigo em técnicas musicais, conseguiu criar melodias e letras bastante inventivas, graças à escolha adequada de vocábulos e expressões. Desde os quatorze anos, já compunha valsas e operetas. Foi o compositor dos hinos (não oficiais) dos times cariocas. Eis o hino do Clube de Regatas Vasco da Gama:

Vamos todos cantar de coração:
 "A cruz de malta é o teu pendão!"
 Tens o nome do heroico português.
 Vasco da Gama, tua fama assim se fez.
 Tua imensa torcida é bem feliz,
 Norte-Sul, Norte-Sul deste Brasil.
 Tua estrela, na terra a brilhar
 Ilumina o mar.
 No atletismo és um braço,
 No remo és imortal,
 No futebol és um traço
 De união Brasil-Portugal.

Reparemos na letra do hino do Vasco (que, na verdade, é uma marcha de carnaval) e nas escolhas lexicais, principalmente os predicativos. Eles são bem escolhidos não apenas por se combinarem nas rimas, mas por possuírem valores semântico-expressivos muito vinculados à adequação do contexto.

Tua imensa torcida é bem feliz

No atletismo és um braço

No remo és imortal

No futebol és um traço de união Brasil-Portugal

Começamos a imaginar que, se Lamartine Babo resolvesse utilizar, no sexto verso, "país" no lugar de "Brasil", a rima iria acontecer de forma muito mais harmônica. Muitos torcedores (inclusive eu), até hoje, acabam trocando "Brasil" por

“país” na hora de cantar o hino do time cruz-maltino. Já no segundo exemplo, o núcleo do predicativo “braço” faz uma interessante referência ao atletismo (que é apenas um braço, uma parte das modalidades que um clube de regatas e de futebol oferece). Não deixa de ser uma homenagem a Adhemar Ferreira da Silva, ícone do atletismo no Vasco e no São Paulo. É claro que, para quem não possui um conhecimento mais aprofundado da história do time, talvez se torne mais dificultoso entender o sentido do substantivo “braço” utilizado como qualificador. Muito interessante também é o que o autor consegue fazer no último verso, preocupado com a sonoridade e a rima da música, ao mesmo tempo. Na mesma frase, ele utiliza dois vocábulos (“traço” e “Portugal”) que rimam com “braço” e “imortal”, predicativos localizados em versos anteriores. Notamos, assim, que, mesmo em um hino futebolístico, há preocupação em escolher palavras que não somente façam sentido, mas que sejam expressivas para quem canta e para que soem como “vitória” para quem escuta.

Comparemos agora a organização dos predicativos na letra do primeiro hino oficial do Vasco, de Joaquim Barros Ferreira da Silva:

Clangoroso apregoa, altaneiro
 O clarim estridente da fama
 Que dos clubes do Rio de Janeiro
 O invencível é o Vasco da Gama
 Se vitórias já tem no passado
 Glorias mil há de ter no porvir
 O seu nome é por nós adorado
 Como estrela no céu a fulgir!

Avante então
 Que pra vencer
 Sem discussão
 Basta querer
 Lutar, lutar
 Os vascaínos
 De terra e mar
 Os paladinos

É mundial
 A sua fama
 Vasco da Gama
 Não tem rival
 Mais uma glória
 Vai conquistar
 Lutar, lutar
 Para a vitória

Sobre os peitos leais, vascaínos
 Brilha a Cruz gloriosa de Malta
 Corações varonis, leoninos
 Que o amor pelo Vasco inda exalta.

Quando o Vasco em qualquer desafio
 Lança em campo o seu grito de guerra
 Invencível, nervoso arrepio
 Faz tremer o rival e a terra!

Podemos perceber que há uma preferência nas organizações invertidas dos versos, que encaminham os predicativos para antes do sujeito das sentenças. Seguem alguns exemplos, já em ordem direta:

O clarim estridente da fama apregoa clangoroso, altaneiro

O Vasco da Gama é o invencível

A sua fama é mundial

Notamos que, como já mencionado no presente trabalho, os predicativos em posição temática conseguem transparecer maior caráter modalizador. Fizemos questão de mexer na ordem das sentenças para que possamos refletir acerca da diferença expressiva entre as duas possibilidades de organização das frases. Esse fenômeno já não ocorre na primeira letra de Lamartine, em que o autor dá preferência à ordem direta, sem destacar os atributos.

Façamos agora a mesma análise no Hino do Flamengo (marchinha de carnaval), também criado por Lamartine Babo:

Uma vez Flamengo,
 Sempre Flamengo.
 Flamengo sempre, eu hei de ser.
 É meu maior prazer vê-lo brilhar,
 Seja na terra, seja no mar.
 Vencer, vencer, vencer!
 Uma vez Flamengo,
 Flamengo até, morrer!
 Na regata, ele me mata,
 Me maltrata, me arrebatá.
 Que emoção no coração!
 Consagrado no gramado;
 Sempre amado;
 O mais cotado nos fla-flus é o 'ai, Jesus!'
 Eu teria um desgosto profundo,
 Se faltasse o Flamengo no mundo.
 Ele vibra, ele é fibra,

Muita libra já pesou.
Flamengo até morrer eu sou!

Ocorre, aqui, fenômeno bastante recorrente na língua portuguesa, principalmente no PB: o predicativo por meio de metonímia. Também por uma inversão, o torcedor rubro-negro enaltece sua paixão pelo time por meio de uma relação de contiguidade: de fato, um ser não pode ser “flamengo”, e sim “flamenguista”. Porém, também por força expressiva e fonética, escolheu-se utilizar o “todo”, o nome do time, no lugar da “parte”, que é o torcedor, integrante e participante do clube de regatas e de futebol. O ponto máximo da marchinha é alcançado justamente pela opção de utilizar a metonímia como maneira de predicar, já que os primeiros versos são iniciados dessa maneira, da mesma forma que o texto se encerra: “*Flamengo até morrer eu sou!*”. Percebe-se que a ordem inversa foi, mais uma vez, privilegiada, confirmando a ideia de que o predicativo em posição topicalizada demonstra em maior grau seu potencial modalizador, discursivo e expressivo.

Para encerrar o capítulo com exemplos de textos expressivos que utilizam o predicativo vinculado à fonoestilística, faremos alguns comentários acerca da letra de Chico Buarque intitulada *Paratodos*:

O meu pai era paulista
Meu avô, pernambucano
O meu bisavô, mineiro
Meu tataravô, baiano
Meu maestro soberano
Foi Antonio Brasileiro
Foi Antonio Brasileiro
Quem soprou esta toada
Que cobri de redondilhas
Pra seguir minha jornada
E com a vista enevoadas
Ver o inferno e maravilhas
Nessas tortuosas trilhas
A viola me redime
Creia, ilustre cavalheiro
Contra fel, moléstia, crime
Use Dorival Caymmi
Vá de Jackson do Pandeiro
Vi cidades, vi dinheiro
Bandoleiros, vi hospícios
Moças feito passarinho
Avoando de edifícios

Fume Ari, cheire Vinícius
 Beba Nelson Cavaquinho
 Para um coração mesquinho
 Contra a solidão agreste
 Luiz Gonzaga é tiro certo
 Pixinguinha é incontestado
 Tome Noel, Cartola, Orestes
 Caetano e João Gilberto
 Viva Erasmo, Ben, Roberto
 Gil e Hermeto, palmas para
 Todos os instrumentistas
 Salve Edu, Bituca, Nara
 Gal, Bethania, Rita, Clara
 Evoé, jovens à vista
 O meu pai era paulista
 Meu avô, pernambucano
 O meu bisavô, mineiro
 Meu tataravô, baiano
 Vou na estrada há muitos anos
 Sou um artista brasileiro

O ponto alto dessa música se dá, justamente, no uso dos gentílicos como predicativos, e na elipse do verbo “ser”, que deixa a letra mais “enxuta” e dentro de uma métrica mais adequada ao ritmo e à cadência desejada pelo autor. É claro que ela é uma obra-prima, uma exaltação à música popular brasileira, aos compositores e à mistura racial do Brasil, que nos permite dizer que somos brasileiros de vários “Brasis”.

O meu pai era paulista
 Meu avô, pernambucano
 O meu bisavô, mineiro
 Meu tataravô, baiano

Mais uma vez percebemos o predicativo como palavra-chave de uma composição. São esses gentílicos que constroem a teia coesiva que calibram toda a progressão da composição. A zeugma encontrada na omissão do verbo de ligação também serve como exemplo de recurso linguístico que facilita a interpretação.

6 GRAU DE GENERALIZAÇÃO OU DE ABSTRAÇÃO DO PREDICATIVO

O grau de generalização ou de abstração de um enunciado depende do seu contexto.

Vejam a série de declarações que se segue, proposta por Othon M. Garcia no livro *Comunicação em Prosa Moderna* (1988, p.169):

- (1) A prática dos esportes é prejudicial à saúde.
- (2) A prática dos esportes é prejudicial à saúde dos jovens.
- (3) A prática dos esportes é prejudicial à saúde dos jovens subnutridos.

De início, a primeira declaração é inaceitável. Porém, quando o substantivo “saúde” ganha “adjuntos”, ela se torna aceitável. Há, na verdade, uma hierarquia, porque sabemos que generalizações e abstrações tornam as ideias confusas. Sabemos que o núcleo do predicado de todas as sentenças acima é um nome, um predicativo. É ele que norteia toda essa “geleia” de ideias, já que, como comentado no presente trabalho, possui uma característica marcante de modalizar, de transmitir um juízo de valor que é peculiar a ela.

Imaginemos que um morador de uma cidade do interior do estado do Rio de Janeiro faça a seguinte declaração:

- (4) Utilizo isso, sim. E é uma droga!

Quem pegou a conversa no meio do caminho, certamente se assustou com a declaração, realizada, na verdade, em duas partes. Primeiro, ele confirma, uma provável pergunta ou um comentário. Imaginemos que a pergunta tenha sido: “Você utiliza X?”. O que mais chamou a atenção na “resposta, não foi o “sim” ou “não” esperado. Foi sua opinião acerca desse X. E essa opinião foi transmitida por meio de um predicativo. Se não tivermos mais informações sobre a conversa ou até mesmo sobre o falante, poderíamos imaginar que se trata de um usuário de drogas ilícitas. Esse possível equívoco se dá por causa da falta de especificações, tornando o predicativo um elemento de sentido generalizador, neste momento.

Notamos, por intermédio desses exemplos, que mesmo com o uso do predicativo que é um elemento modalizador em essência, generalizações e

abstrações tornam confusas as ideias, e podem traduzir conceitos vagos e imprecisos.

Garcia (1988, p.170) nos mostra a possibilidade de abstração utilizando a palavra “belo” como exemplo:

“ Que é que expressamos realmente com o adjetivo “belo”, de sentido geral e abstrato, aplicável a uma infinidade de seres ou coisas, quando dizemos uma bela mulher, um belo dia, um belo caráter, um belo quadro, um belo filme, uma bela notícia, um belo exemplo, uma bela cadeira? É possível que a ideia geral e vaga de “beleza” lhes seja comum, mas não suficiente para distingui-los, para caracterizá-los de maneira inconfundível.”

A escolha de adjetivos – predicativos não ocorre ao acaso. Se o falante desejasse ser mais específico em relação à beleza de uma mulher, por exemplo, poderia escolher vocábulos mais especificadores como graciosa, elegante, sensual, ou outros que se adequem à determinada situação.

Analisemos, aqui, partindo do que Garcia (1988) expõe, o predicativo “bonito”:

É claro que, cada vocábulo é enxergado dentro de uma determinada situação, de um contexto específico. Se o enunciador quer declarar que alguém ou alguma coisa é bonito, ele simplesmente pode pronunciar: “Y é bonito.” Acreditamos que o predicativo aqui em questão está sendo colocado no mesmo patamar do “belo” que o autor supracitado utiliza. O mesmo nome (bonito) pode ser empregado em diversas situações, para demonstrar opinião positiva ou até mesmo negativa. Imaginemos que a mãe de um adolescente o encontre em uma situação de desordem em seu quarto, com livros espalhados no chão e muitos jogos pela cama. Isso tudo na véspera de uma prova importante no colégio, em que o jovem tinha prometido que não ia fazer nada além naquele dia, somente estudar. A mãe aparece, de súbito, e diz: “Bonito, hein!”. Nesse caso, parece notório que a mulher não demonstrou satisfação com a atitude do filho. O mesmo adjetivo-predicativo pode, dependendo do caso, demonstrar alegria, tristeza, decepção, ódio, raiva. Graças à potencialidade que o predicativo tem de ser “polissêmico”, desdobrável e multifacetado. Essas possibilidades acontecem por conta do conceito de certos predicativos serem abstratos por natureza. Seu uso serve como elemento de progressão textual, que o torna mais dinâmico e aberto a interpretações.

Já em alguns provérbios, o uso de predicativos com teor concreto acontece mais frequentemente. Essa sabedoria popular é exemplo de linguagem concreta. Normalmente, os provérbios são exatos, pitorescos e concisos. Comparemos agora

o provérbio abaixo, sugerido por Garcia (1988) e comparemos com sua paráfrase, em linguagem mais vaga, imprecisa e abstrata:

(5) “Em terra de cego, quem tem um olho é rei”. (provérbio)

(6) “Onde impera a mediocridade ou a ignorância, os que têm algum merecimento se destacam facilmente” (paráfrase do provérbio)

Notamos que o ponto alto do provérbio, para efeito de sentido e expressividade é a escolha de “rei” como predicativo. Essa transferência, causada pela metáfora, consegue enaltecer mais uma vez a escolha de um vocábulo específico como predicativo, dando atributo de rei àquele que consegue desempenhar uma função em um lugar em que ninguém mais pode fazê-lo. Logo, quando pronunciamos esse provérbio e/ou concordamos com ele, automaticamente estamos afirmando : “Sou rei porque somente eu, na minha casa, sei cozinhar!”, “Sou rei porque somente eu, na escola em que trabalho, falo duas línguas estrangeiras!”. Enfim, a palavra-chave do provérbio está no predicativo, que ao mesmo tempo que modaliza, desempenha papel atributivo no ato da fala.

Quanto mais detalhes e mais atributos damos ao predicativo, mais expressiva e concreta se torna a nossa declaração. Vejamos um trecho da descrição de Aluísio de Azevedo utilizado por Garcia (1988, p.174):

(7) “A pobre cidade de São Luís do Maranhão parecia entorpecida pelo calor.”

Vejamos que se o autor escolhesse utilizar somente “entorpecida” como predicativo, talvez a ideia que ele queria transmitir não fosse alcançada. A palavra “entorpecida”, que normalmente não aparece com valor positivo, nesse momento, acompanhada pelo agente da passiva “pelo calor”, consegue expressar, quase que com exatidão, o que o autor possivelmente sentiu na cidade. Somente os pormenores específicos tornam o predicativo em questão mais próximo à concretude linguística.

Agora, analisaremos a ideia do predicativo “forte”. Também julgamos interessante esse uso que, agregado a detalhes e acessórios, pode sair de uma ideia abstrata e se transformar num vocábulo bastante concreto e específico.

A expressividade de Euclides da Cunha, por exemplo, nos permite imaginar o que ele quis dizer do sertanejo na conhecida frase : “O sertanejo é antes de tudo um forte.”. O contexto da obra, bem como a ideia que o autor o tempo todo tenta nos transmitir nos leva a imaginar que está querendo realçar a força física e psicológica

daquele que vivia no sertão. Porém, em outro contexto, o mesmo predicativo, talvez, poderia não expressar esse mesmo sentido positivo.

Em alguns casos, as pessoas optam por usar eufemismos que acabam piorando a situação de uma ideia que, o início, pode não parecer muito favorável. Se alguém está acima do peso e ouve de outra pessoa que está “forte”, certamente não enxergaria aquele predicativo com os mesmos olhos do sertanejo de Euclides. O interessante é perceber que, para chegarmos a essa conclusão, precisamos do suporte teórico da semântica, da estilística, da pragmática, todos misturados ao evento da modalidade, que é o que norteia nosso trabalho.

Com o exercício do uso da língua e do estudo de seus efeitos, tornamo-nos leitores atentos, que conseguem enxergar além da “pele” das palavras. Para entender certas sutilezas semânticas, é necessária certa experiência. E a experiência só se conquista com o uso.

Gertrude Stein, famosa escritora americana, criou a frase “ Uma rosa é uma rosa é uma rosa.”. Essa tautologia, que dá margem a múltiplas interpretações, certamente se torna rica por conta da escolha do vocábulo “rosa”. Essa palavra transcende o mero referente, assumindo dimensões simbólicas. A palavra “rosa” pode receber vários significados. Porém, na frase de Stein, assume duplo sentido. Ao mesmo tempo que ela aborda a rosa em seu sentido real, consegue ir além desse primeiro significado. É o que Garcia aborda sobre o mesmo vocábulo (1988, pp 162,163):

“ Muito diversa há se ser ainda a conotação para a dona-de-casa que com ela adorne um centro de mesa, pra o florista que vê nela apenas um objeto de transação comercial rendosa. Para o jovem que a oferece à namorada, a rosa é muito mais do que uma rosa.”

Lembro-me de uma propaganda a que assisti na minha adolescência, em que um famoso shopping carioca comemorava o aniversário da cidade. Para entender a mensagem publicitária era realmente necessário ir além das letras. Precisava-se juntar a música com o texto-vivo, criado pelos personagens que apareciam durante a propaganda. Vejamos a letra intitulada *Folha Morta*, composta por Ary Barroso em 1952:

Sei que falam de mim
Sei que zombam de mim
Oh, Deus!
Como eu sou infeliz!

Vivo à margem da vida
 Sem amparo ou guarida
 Oh, Deus!
 Como eu sou infeliz!
 Já tive amores
 Tive carinhos
 Já tive sonhos
 Os dissabores levaram minh'alma
 Por caminhos tristonhos
 Hoje sou folha morta
 Que a corrente transporta
 Oh, Deus!
 Como eu sou infeliz!
 Infeliz!
 Eu queria um minuto apenas
 Pra mostrar minhas penas
 Oh, Deus!
 Como eu sou infeliz!

Achei marcante a composição do texto, a mistura de gêneros que construíam a propaganda: uma letra em que o eu lírico se coloca como uma “folha morta que a corrente transporta”; de outro, personagens lindos e felizes, corados pelo sol carioca, sorridentes e deleitosos. A primeira vez que essa propaganda apareceu no ar, foi um fenômeno. Ninguém entendia o motivo de tamanha contrariedade na estrutura de uma propaganda que parabenizava a cidade maravilhosa em um primeiro de março da década de noventa. Porém, ao final da letra cantada por Luiz Melodia, uma voz masculina dizia: “Infeliz é quem não tem um lugar como esse para viver!”.

Mais uma vez, o predicativo se mostra como “maestro” da enunciação em sua essência. A adversidade proporcionada pela estrutura composicional da propaganda fez com que o predicativo “infeliz” se tornasse vago, quase sem espaço para a mensagem transmitida. Mas o mesmo predicativo se torna concreto, a partir da leitura da última frase. É nesse momento que todo o texto midiático faz sentido.

Ainda na letra de Ary Barroso, podemos destacar o mesmo “eu” predicado por um atributo abstrato e, depois, por um mais específico. A oração adjetiva “que a corrente transporta” consegue fornecer ao predicativo “folha morta” uma perspectiva muito mais concreta e entendível. O leitor consegue visualizar como o eu lírico se sente com mais precisão quando ele utiliza “folha morta” como predicativo, acompanhado do acessório “que a corrente transporta”.

Outro ponto de interesse é a construção do predicativo mental por inferência, que envolve as chamadas “metáforas implícitas”. O papel das pistas linguísticas em todos os gêneros textuais é de suma importância, pois elas contribuem para a construções de “esquemas” que facilitarão nossa referência mental e cognitiva, colaborando na progressão do texto. Muitas vezes, os textos apresentam metáforas (puras ou impuras) que não são explícitas. Nossa prática e experiência, misturadas à leitura das pistas que o texto nos fornece nos deixará mais próximos ao entendimento mais coerente. Vejamos o exemplo abaixo, utilizado no livro *Texto e discurso sob múltiplos olhares – referência e outros domínios discursivos*, organizado por Mônica Magalhães Cavalcante, Maria Helenice Araújo Costa, Vicência Freitas Jaguaripe e Valdinar Custódio Filho:

Band-aid

O fato aconteceu domingo no jogo Ceará x Fortaleza no Castelão. Atingido por uma bala de borracha desferida por um mal preparado policial militar, o garoto de 12 anos deu entrada na enfermaria do nosso principal Estádio. Como não tinha um médico, muito menos enfermeiro, o jeito foi se virar com o secretário adjunto do Esporte e da Juventude, professor Wilson Couto, que tratou logo de fazer o tão aguardado curativo. Resta saber se couto frequentou algum curso ambulatorial. (Diário do Nordeste, 28/01/2005)

É difícil, nesse texto, dizer onde está uma metáfora. Qual o termo metaforizante e qual o metaforizado?

O título normalmente contribui bastante para a interpretação de um texto. Quando lemos o título “Band-aid”, ficamos quase sem informações acerca do tema, ou seja, com a leitura e a calibragem do texto, percebemos que o título se trata de uma expressão utilizada conotativamente. Depois da leitura atenta do texto inteiro, começamos a perceber que o autor gostaria que entendêssemos que, por alguma semelhança, algum personagem da história “é Band-aid”. Quando construímos mentalmente essa frase : “X é Band-aid.”, lançamos mão, mais uma vez do predicativo. A metáfora, pura ou impura, necessita dele a todo o tempo, mesmo que o verbo de ligação esteja implícito, como ocorre no exemplo acima.

Para entender a construção dessa metáfora, precisamos recorrer ao nosso conhecimento de mundo: band-aids são curativos simples, quase domésticos, utilizados como curativos em cortes superficiais.

Ao realizar uma transferência, com o auxílio de toda a estrutura e das pistas que o texto fornece, o leitor consegue estabelecer uma semelhança entre *band-aid* e *secretário adjunto*. Nesse momento, constrói-se outro predicado nominal e, nesse

caso, uma metáfora mental: “O secretário adjunto é um band-aid.”. É claro que essa construção mental não acontece de uma hora para a outra, mas o interessante aqui é destacar que, numa visão estilístico-sintática, com um viés cognitivo, o predicativo – que vai compor a metáfora mental – é o próprio título. É ele que provoca o jogo mental do leitor com as entidades expostas em todo o texto. Ricardo Lopes Leite, autor do texto *Da recategorização metafórica à metaforização textual*, capítulo que compõe o livro supracitado, diz :

“ (...) após a leitura do trecho “como não tinha um médico, muito menos enfermeiro, o jeito foi se virar com o secretário adjunto do Esporte e da Juventude”, o leitor realiza outra abdução: supõe que a competência do Secretário adjunto para realizar o procedimento de primeiros-socorros foi posta em dúvida, por conta da expressão “ o jeito foi se virar”, que conota certa desconfiança ou insatisfação diante do procedimento realizado pelo secretário. Mais adiante, confirma essa hipótese, ao confrontar-se com a pista textual “Resta saber se Couto frequentou algum curso ambulatorial”.

O que queremos destacar aqui é que o predicativo é essencial para que esse processo mental ocorra. E, claro, um predicativo bem escolhido, embasado em possíveis relações intratextuais e que darão outro “caminho” à leitura do texto e à sua progressão.

Essa relação de inferência acontece muito em textos humorísticos, em que o leitor precisa realizar um trabalho cognitivo que possibilite certas construções de predicados nominais, que se transformarão em metáforas. Vejamos o seguinte exemplo:

Na redação do jornal:

- Não deu pra sair a notícia do seu casamento – fala o repórter para um figurão.
- Tivemos que publicar uma catástrofe mais importante.

(SARRUMOR, 1999, P.226)

Para que o humor aconteça, é necessário que o leitor consiga criar sua metáfora, que, mais uma vez, não está explícita. É o que Lopes Leite chama de recategorização metafórica, nesse caso, representada por catástrofe, no lugar de casamento. De fato, trata-se de uma manobra lexical, em que se constrói uma metáfora por meio do entendimento de uma oração com predicado nominal. No exemplo acima, a sentença implícita seria: “O casamento é uma catástrofe”. Essa recategorização determinaria a orientação argumentativa do discurso.

7 O VALOR MODALIZADOR DAS SENTENÇAS EQUATIVAS E ATRIBUTIVAS

Segundo Castilho (2010, p.332), “sentenças equativas são usadas quando se quer estabelecer uma relação de igualdade entre X e Y, em que X é o sujeito, e Y é o equativo.”. Vejamos alguns exemplos que ele aborda:

(1) Fora dessas situações, professor é professor e aluno é aluno.

(2) A fita é a base do inquérito.

Nesta sala aqui, o professor é o aluno. (= a sentença descreve uma aula em que o professor é um aluno realizando estágio)

Imaginemos a seguinte situação: a filha adolescente quer questionar com o pai porque o irmão mais velho pode sair e chegar tarde, e ela não pode fazê-lo. O pai tenta argumentar de todas as maneiras, mas nada convence a jovem. Até que ele diz:

(3) “Minha filha, você é você! Ele é ele!”

Esse exemplo mostra que as estruturas equativas conseguem apresentar um valor modalizador, já que, em certos casos, o locutor as utiliza como forma de convencer o outro de sua “verdade”, sua opinião.

Castilho (2010, p.333) diz ainda que o equativo não pode ser tratado como se fosse predicativo, como se vê em muitas gramáticas escolares, visto que ele não predica o sujeito.

As sentenças equativas servem também para a construção de definições, principalmente quando o falante acha que o ouvinte não sabe do que ele está falando e faz uma substituição por um sinônimo, hipônimo ou hiperônimo. Vejamos:

(4) Jatobá é uma fruta, você nunca viu?

(5) Balela é uma notícia ou boato, sem fundamento.

Para Castilho (2010, p.332), “ as sentenças atributivas respondem à pergunta “como é X?”, segundo Lyons (1977/1984:472), gramaticalizando a proposição-fonte “X está em Y”, segundo Heine/Claudi/Hünemeyer (1991). Elas qualificam o referente do argumento único ou o localizam no espaço”:

- (6) O menino **é** alto.
- (7) O menino **está** doente.
- (8) O menino **é** de Araçatuba.

Apagando o verbo, percebe-se que um sintagma nominal aparece, sem que o sentido da frase seja muito alterado:

- (9) Menino alto
- (10) Menino doente
- (11) Menino de Araçatuba

Segundo Azeredo (2008, p.213), os verbos de ligação “ formam um conjunto limitado de elementos e indicam basicamente diferenças aspectuais no sentido de ‘conceptualização do estado de coisas’. Comparemos agora os exemplos abaixo, em que a conceptualização do estado de coisas muda de acordo com a mudança dos verbos:

- (12) As águas **são** turvas. (atributo constante)
- (13) As águas **estão** turvas. (atributo adquirido)
- (14) As águas **ficam** turvas. (atributo resultativo)
- (15) As águas **continuam** turvas. (atributo persistente)

O verbo parecer, como já exposto anteriormente (cap. 3), é o mais modalizante de todos, pois é utilizado para exprimir um ponto de vista do enunciador.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que a ordem canônica da sentença em língua portuguesa é SVC (SUJEITO, VERBO E COMPLEMENTO). Porém, quando essa ordem é “desrespeitada” pode-se construir uma ambiguidade ou destacar expressividade em determinado termo deslocado. É o que acontece, por exemplo, quando desejamos enaltecer a beleza de uma mulher. Um recurso bastante utilizado no PB é a topicalização do termo que representa essa beleza. Por exemplo: “A *mulher é bonita*” possui menos expressividade em relação à beleza da mulher do que “*Bonita, a mulher.*”. O que ocorre, de fato?

Na verdade, defendemos a ideia de que o predicativo já possui em sua “pele” um papel modalizador, pois seu principal objetivo é qualificar um outro termo. Segundo Henriques (2008, p.38), o predicativo é o termo B que qualifica o termo A.

Sabemos que há muito ainda a ser estudado acerca do assunto, mas notamos que, com o auxílio de outros recursos (hipérbatos, elipses, escolhas lexicais) o teor de modalização do predicativo é ainda mais enaltificado. Esse assunto é percebido não só no ato do discurso, mas também em textos publicitários, literários, letras de músicas e muitos outros tipos de textos. Alguns autores demonstram a preferência na escolha minuciosa do predicativo, bem como em sua topicalização, a fim de destacar a subjetividade pretendida.

Entre os estudiosos, há uma tendência contemporânea de abordar o fenômeno modal. Porém, como o predicativo já é um elemento atributivo por excelência, a opinião de quem constrói a sentença é enxergada de maneira muito mais natural, principalmente quando ele está em posição topicalizada.

Existem também casos em que a linguagem midiática se aproveita desse potencial atributivo da função predicativa e cria textos bastante sugestivos, com destaque na expressividade e no duplo sentido. É o caso, por exemplo, do jornal Meia-Hora, do RJ, na edição que anunciava a morte do cantor norte-americano Michael Jackson : “Nasceu negro, ficou branco e vai virar cinza”. Mais uma vez os predicativos fizeram seu papel expressivo, pois nessa manchete, a partir das escolhas adequadas ao contexto e a toda história do artista em questão, o uso desses predicativos causou uma ambiguidade proposital, um jogo estilístico: há uma tendência, com a escolha de “negro”, “branco” e “cinza” em mostrar a “mudança” de raças pela qual o cantor tentou passar, desde a sua não aceitação em pertencer à

raça negra e à sua possível “inclusão” na raça branca, ou por intermédio do vitiligo, ou por tratamentos que objetivavam a própria transformação de cor. O mais interessante é perceber que, com a inclusão da última frase “vai virar cinza”, o enunciador consegue não somente realizar uma comparação entre os vários estágios do cantor (negro, de nascimento, branco, por opção e cinza, que, na verdade, não é a cor, e sim o substantivo). A partir de uma visão estilística, podemos perceber que, com a última frase, implicitamente o locutor joga um questionamento : “De que adiantou, Michael, tanta questão em mudar de raça? Você vai virar pó (cinza) como qualquer mero mortal negro, branco, índio, independente da raça.”. Essa reflexão não explícita ocorre justamente por causa da escolha do predicativo “cinza”, que, ao mesmo tempo que se contrapõe com as outras duas primeiras cores, representa o fim de todos nós.

Outro exemplo também muito interessante com o uso do predicativo na linguagem da mídia é o que vem a seguir, publicado pelo Jornal O Globo:

POLICIAIS, POLÍTICOS, JORNALISTAS, ENGENHEIROS, EMPRESÁRIOS, DENTISTAS, ADVOGADOS, FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS, FRENTISTAS, VENDEDORES, ARTISTAS PLÁSTICOS, COSTUREIRAS, ECONOMISTAS, CONTADORES, PUBLICITÁRIOS, TAXISTAS, MÚSICOS, ESCRITORES, MÉDICOS, ENFERMEIROS, ARQUITETOS, ATLETAS, PROFESSORES, PSICÓLOGOS, ESTUDANTES, SOCIÓLOGOS, COMERCIANTES, COMERCIÁRIOS, JUÍZES, PROMOTORES, DEFENSORES PÚBLICOS, ELETRICISTAS, BOMBEIROS, GARÇONS, MOTORISTAS, COZINHEIROS, DONAS DE CASA, AUTÔNOMOS, RADIALISTAS, POETAS, PINTORES, MECÂNICOS, FOTÓGRAFOS, ASSISTENTES SOCIAIS, MARCENEIROS, PEDREIROS, FILÓSOFOS, CIENTISTAS, CINEASTAS, CRONISTAS, CRÍTICOS, SALVA-VIDAS, BANCÁRIOS

O RIO É NOSSO. O Rio de Janeiro está unido. A hora é de apoiar as ações em defesa dos cidadãos. E você pode ajudar. Qualquer informação é importante. Com a sua participação, podemos construir um Rio de Janeiro de paz.

Disque-Denúncia

2253-1177

O GLOBO

André Valente (in Henriques 2010, p.170) utiliza esse texto para mostrar como os textos midiáticos aplicam recursos léxico-semânticos da língua portuguesa. E

mais uma vez salientamos o uso do predicativo que, para nós, foi decisivo para a construção do significado e para que se alcançasse um dos objetivos do autor do texto: mostrar que todos os profissionais mencionados acima fazem parte do Rio de Janeiro. O “nosso”, que é predicativo na frase negritada, na verdade, é a junção de todos nós. Aí cabe também comentar sobre o valor semântico do possessivo, que, nesse caso, não é de posse simplesmente, mas funciona como uma metonímia, uma relação de contiguidade, como se todos aqueles supracitados fossem parte do todo, que é a cidade maravilhosa.

Um outro ponto interessante, que também sugere o uso do predicativo, é o estudo que Flávio Barbosa, na obra acima citada, realizou sobre o vocábulo “cachaça”. Em um dos comentários, o autor cita uma das acepções do verbete no Hoaiss : “ p.ext. aquilo que se faz com entusiasmo; paixão, mania, vício’. Nesse caso, a palavra normalmente apareceria como predicativo. Em : “ Magistério é uma cachaça”, por exemplo, imaginemos um professor comentando acerca de seu vínculo duradouro com o ofício. Assim, há palavras que possuem uma expressividade latente e que, quando ocupam papel de predicativo, conseguem exercer, em muitos casos, um papel modalizador de destaque.

A nova propaganda de uma loja de perfumes e cosméticos muito famosa tem a voz feminina ao fundo da exibição de imagens de mulheres lindíssimas. O texto produzido por uma voz feminina sugere a seguinte comparação: qual a diferença de estar bonita e de estar linda? As respostas comentam e colocam sempre o predicativo “linda” em maior patamar. É como se, para a loja, “estar linda” causasse mais sensação do que estar – simplesmente – bonita. O objetivo da loja é mostrar que, usando seus produtos, a mulher vai além de estar bonita: vai estar linda.

Interessante a maneira como o criador desse texto utiliza o predicativo como modalizador e, ao mesmo tempo, como instrumento argumentativo, em que a comparação entre os dois predicativos propostos serve, de fato, para convencer o espectador em usar seu produto.

Outro texto representativo que gostaríamos de comentar aqui é o que Henriques (2011, p.99) analisa. Intitula-se “*Mulher*”, de autoria de Murilo Mendes:

Mulher
Ora opaca ora translúcida
Submarina ou vegetal
Assumes todas as formas

Desposas o movimento.

Sinal de contradição
 Posto um dia neste mundo
 Tu és o quinto elemento
 Agregado pelo poeta
 Que te ama e assimila
 E é bebido por ti.

Tu és na verdade, mulher,
 Construção e destruição.

Percebemos que Murilo ilustra a oposição de uma mesma mulher também por intermédio de predicativos. Apesar de ser um poema modernista e de não estar preso à rima e à métrica, a expressividade é enunciada através da escolha de palavras-chave que dão conta da musicalidade e do valor expressivo. Os predicativos que descrevem a mulher conseguem mostrar que, apesar de se tratar de uma mulher, ela é duas, simultaneamente. Vejamos o que Henriques (2011, p.99) fala acerca do texto:

“As duas últimas palavras do poema revelam o sinal de contradição mencionado no sexto verso e retomam com mais nitidez a dualidade opaca e translúcida, submarina e vegetal citadas nos versos iniciais. A mulher mostrada como sinal de contradição é construção e destruição, três palavras terminadas em “ão” escolhidas com sensibilidade pelo poeta, que prepara seu leitor para a tese de que as mulheres são seres contraditórios.”

Mais uma vez, consagramos aqui o predicativo como termo modalizador “em essência”. Seu papel argumentativo consegue transformar um texto meramente informativo em algo mais tendencioso, jocoso e com opiniões, implícitas ou não.

É conveniente, mais uma vez, tecer alguns comentários sobre a elipse (tanto típica quanto atípica), bem como sobre o hipérbato, que é um dos recursos da própria topicalização. Os dois são recursos coesivos e, agregados ao uso do predicativo, consegue mostrar mais “calibragem” ao texto lido/criado, pois representa certo dinamismo na leitura. Sabemos que um texto não é um emaranhado de palavras soltas, sem relação umas com as outras. Essas palavras “se movem”, “se comunicam” e é essa “conversa” que consegue atribuir existência a ele. Sem essa possibilidade de “movimento”, o leitor se sente “preso” ao que já está escrito e, conseqüentemente, pode achar que deve, simplesmente, decodificar o que já está ali escrito. Sabemos que leitura não é isso.

A modalidade escrita tem sido o alvo preferencial dos estudos linguísticos. Talvez por isso exista a ideia de que o português é uma língua predominantemente de ordem direta. Porém, normalmente nos textos escritos e também nos orais, podemos flagrar estruturas com termos deslocados de sua denominada “ordem canônica”. Vejamos:

(1) Linda, essa menina!

Nesse caso, com o predicativo, que é o nosso assunto em questão, percebemos, como já comentado anteriormente, no presente trabalho, que há uma intenção em se destacar a “lindeza” da menina. Esse objetivo do locutor é alcançado não só pela escolha de “linda” como predicativo, mas pela opção em iniciar a sentença por ele, “escondendo” o verbo, atribuindo mais objetividade no momento do ato de fala.

Para Castilho (2010, p.319), as minissentenças adjetivais não se encaixam nos sintagmas nominais. Ele representa essa ideia com o uso dos tradicionais “predicados verbo-nominais”. Vejamos:

(2) {Os pesquisadores encontraram o povo} minissentença (doente).

(3) {O índio encarna a pureza e a inocência} minissentença (idealizadas, utópicas)

Percebemos que Castilho trata os predicativos do objeto como sentenças menores e independentes da primeira oração. De fato, são duas orações, cuja segunda com o verbo de ligação omitido. Essa ideia do pesquisador explicita a formação de um predicado verbo-nominal, que, como o próprio nome sugere, é composto dos dois predicados (verbal e nominal).

Com os verbos achar, considerar, admitir, julgar e outros, o que não acontece com os não predicativos, os adjetivos predicativos podem funcionar como predicativos do objeto direto. Isso ocorre, segundo Castilho, essas construções derivam do apagamento de **que...ser** e, conseqüentemente, da transformação do sujeito da sentença completiva em objeto do verbo superior:

(4) Acho essas paisagens calmas. – Acho **que** essas paisagens **são** calmas.

Para Castilho (2010), os predicativos deslocados ou intercalados na oração exercem, normalmente, papel de aposto:

(5) As crianças, *alegres*, partiram para o campo.

(6) *Alegres*, as crianças partiram para o campo.

O mesmo autor denomina adjetivos modalizadores discursivos “certos adjetivos que têm a propriedade de predicar o substantivo expresso no enunciado, e também um dos participantes do discurso não expresso no enunciado, em geral o próprio falante. Esses adjetivos atuam bidireccionalmente, ou seja, são biargumentais. Tanto numa direção quanto na outra, o que se observa é que o usuário está emitindo através desses adjetivos um juízo sobre o sentido do substantivo e sobre um participante, tendo como pano de fundo o referente dado pelo substantivo”:

(7) São Paulo é uma cidade *asfixiante*.

(8) Belo Horizonte é uma cidade *atrativa*, uma cidade limpa.

Percebemos, a partir dos exemplos acima mencionados, que os adjetivos que acompanham os núcleos dos predicativos só fazem aumentar o valor de modalização dessa função, já que são adjetivos extremamente subjetivos, oriundos de opiniões, de juízos pessoais. Mais uma maneira de realçar a característica modalizadora do predicativo.

Notamos também, como já comentado no trabalho, que os sintagmas nominais que funcionam como predicativos, com verbos omissos, num texto, geralmente têm a capacidade de acelerá-lo, de torná-lo mais dinâmico, elegante e coeso. Vejamos:

(9) “Fantasiou vários doentes na imaginação. Uma velha. Sequinha e miúda, tossindo, tossindo, sentada na cama... Uma menina. Abrindo os olhos, espanta com o luar no quarto, e sentindo no peito o aperto, aquele aperto.”
(D.S.Queirós, *Floradas na serra*, p.19)

Utilizamos minissentenças em diferentes situações sociais. Essas que seguem abaixo representam sentenças simples, reduzidas, com a elipse do verbo, normalmente usadas na linguagem oral. Os exemplos são todos de Castilho (2010, p.313)

(10) Esse menino!

(11) Liquidação, meu!

(12) Negócio fechado!

(13) Difícil, cara!

Vejamos as sentenças acima mencionadas, parafraseadas:

(14) Esse menino [é terrível/ é chato/ continua o mesmo, etc].

(15) É liquidação, meu!

(16) O negócio está fechado.

(17) Está difícil, cara!

Podemos observar que tanto as frases reescritas acima quanto as minissentenças servem para expressar opiniões, juízos de valores. A elipse dos verbos de ligação aumenta o potencial modalizador de cada uma delas. A elipse ou a zeugma também são recursos linguísticos importantes no que tange o fenômeno modalizador.

Analisemos agora a letra de Lamartine Babo, também citado ao longo do trabalho, que saúda o time carioca da “estrela solitária”:

Botafogo, Botafogo,
 Campeão desde 1907
 Foste herói em cada jogo,
 Botafogo, por isso é que tu és
 E hás de ser nosso imenso prazer
 Tradições aos milhões tens também
 Tu és o glorioso,
 Não podes perder,
 Perder para ninguém!
 Em outros esportes,
 Tua fibra está presente,
 Honrando as cores do Brasil de nossa gente
 Na estrada dos louros, um facho de luz
 Tua estrela solitária te conduz!

Mais uma vez percebemos que o predicativo é muito utilizado nos hinos dos clubes cariocas. Os principais tiveram a honra de ter Lamartine como compositor de seus hinos e marchas. Na letra acima, notamos a presença de diversos predicativos. Todos fazem referência ao Botafogo: **campeão, herói, prazer, glorioso**. Na segunda estrofe, temos “presente” como predicativo. Numa visão bem expressiva, podemos dar duas leituras a este último adjetivo. Certamente, para os botafoguenses, a fibra do time em campo é sempre um presente.

É notório que tudo isso é um estudo da subjetividade no discurso, das marcas linguísticas da enunciação.

Nesta pesquisa, partimos da hipótese de que, para que um texto seja interpretado de maneira crítica e produtiva, deve-se levar em conta, com prioridade, o processo discursivo. É como se emissor e receptor vivessem um “contrato comunicativo”, que coordena a ordem dos enunciados. A escolha dos elementos linguísticos é essencial para demonstrar o principal objetivo daquele ato de fala. O discurso, de certa maneira, reflete certas condições de situações e certos objetivos.

Eles podem ser alcançados ou não, dependendo da ordem das palavras, da escolha lexical, da entonação e de outros fatores referentes ao ato comunicativo.

Uma série de recursos é colocada à nossa disposição pela língua. Alguns desses recursos foram analisados no presente trabalho, que teve o predicativo como principal tema.

A análise do posicionamento do sujeito frente ao modo ou ao dito de sua enunciação é representada pelo fenômeno da modalização. Ele serve para dar a entender que o texto é monitorado pelo seu enunciador.

O grau de comprometimento do enunciador com seu discurso, o nível de envolvimento e de subjetividade de quem produz o ato comunicativo é registrado pelas marcas de subjetividade. O uso de predicativos específicos e de “macetes” linguísticos para destacá-los, torná-los tópicos ou simplesmente opinar através deles são exemplos de marcas linguísticas modalizadoras.

A língua não escapa imune da apropriação que o sujeito faz da língua com sua subjetividade, suas marcas do ato interativo. Esses meios linguísticos de que tanto falamos nesse trabalho não transmitem informação apenas, mas são enxergados como mecanismos de persuasão sobre o interlocutor. Dessa maneira, a língua é vista como elemento atuante no processo de interação.

A opinião representa uma das maneiras mais comuns de interagir. Opinando, o emissor demonstra nitidamente seu juízo de valor e, conseqüentemente, consegue fazer transparecer seu ponto de vista, sua subjetividade. O predicativo é uma das principais marcas da demonstração da opinião.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1986.

ARAÚJO, Paulo Cesar de. 2002. **Eu não sou cachorro não: música popular cafona e ditadura militar**. Rio de Janeiro : Record, 2002.

AZEREDO, José Carlos S. de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. 2. ed.o. São Paulo : Publifolha, 2008.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Subjetividade, argumentação, polifonia**. São Paulo: Ed.da Unesp, 1998.

CÂMARA JR., J. Mattoso. **Dicionário de filologia e gramática referente à língua portuguesa**. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1968.

CASTILHO, Ataliba; **CASTILHO**, Célia. Advérbios modalizadores. In: ILARI, Rodolfo (Org.) **Gramática do português falado**. Campinas, SP: Ed. Unicamp: Fapesp, 1992.v.2

CASTILHO, Ataliba. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CERVONI, Jean. **A Enunciação**. Trad. de L. Garcia dos Santos. São Paulo: Ed. Ática.

CUNHA, Celso ; Cintra, LINDLEY. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.1989.

DOTA, Maria Inez M. **Das estratégias de leitura às operações enunciativas: a modalidade**. 1994. 306f. Tese (Doutorado). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1994.

GARCIA, Othon Moarcir. **Comunicação em prosa moderna: aprendendo a escrever, aprendendo a pensar**. 14. ed. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1988.

GIVÓN, T . **On Understanding Grammar**. New York: Academic Press, 1979.

HENRIQUES, Claudio Cezar. **Sintaxe: estudos descritivos da frase para o texto**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

_____. **Estilística e Discurso : estudos produtivos sobre texto e expressividade**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

_____. **Léxico e Semântica: estudos produtivos sobre palavra e significação**. Rio de Janeiro : Elsevier, 2011.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O Português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, Ingedore V. **Argumentação e linguagem**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **O texto e a construção dos sentidos**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

KURY, Adriano da Gama. **Novas Lições de Análise Sintática**. São Paulo: Ática, 1985.

LEITE, Ricardo Lopes. Da recategorização metafórica à metaforização textual. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães...et al. (Orgs.) **Texto e discurso sob múltiplos olhares – referência e outros domínios discursivos**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

LIMA, M.P.S. **Gramática Expositiva da Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora nacional, 1937.

MAINGUENEAU, Dominique. **Os termos-chave da análise do discurso**. Lisboa: Gradiva, 1997.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. **Introdução à estilística**. São Paulo. T.A. Queiroz 1989.

NEVES, M. H. M. A modalidade. In: KOCH, I. G. V. (Org.). **Gramática do português falado**. Vol. VI: Desenvolvimentos. Campinas, SP: Ed. da Unicamp : FAPESP, 1996.

_____. **Gramática de usos do Português**. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

_____. **Texto e gramática**. 1.ed., 3. reimp. São Paulo: Contexto, 2011.

PARRET, H. **Enunciação e Pragmática**. Tradução: Eni P. Orlandi et. al. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1988.

PERINI, Mário. **Gramática do Português Brasileiro**. – São Paulo : Parábola, 2010.

PINTO, M. J. **As marcas linguísticas da enunciação: esboço de uma gramática enunciativa do português**. Rio de Janeiro: UFRJ, ECO, 1988.

PONTES, Eunice. **O Tópico no português do Brasil**. Campinas, SP: Pontes, 1987.

VICENTI, F. P. **Predicado nominal em posição temática: papéis modalizadores**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2007.

VILELA, Mário, KOCH, Ingedore. **Gramática da língua portuguesa**. Coimbra: Almedina, 2001.

WIERZBICKA, Anna. **The Semantics of Grammar**. Amesterdão ; Filadélfia: John Benjamin's Publishing Company, 1988.